Para todos...

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164 Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o praso das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo, passarem com outros nos Estados.

A. P. GRANA (Manáos) — Gratos, retribuiremos.

MLLE. JADIEL (Manáos) — Transmittimos o seu queixume ao encarregado da secção.

MLLE. OPERADORA (Sorocaba) — 1°, Solteiro; 2°, 32 annos; 3°, Pretos; 4°, Louros, azues, solteira; 5°, Pretos, solteira, 1,60 de alto e 57 kilos de peso.

GATINHO BRANCO (Jaboatão) — E' simples banhista de comedia burlesca.

BRANQUINHA (Maceió) — Entregue ao destinatario.

HUGH WALLAN (Porto Alegre) — 1°, E nós é que sabemos?; 2°, Mary Pickford, Douglas, Carlito e Griffith são os Artistas Unidos; 3°, Abandonou; 4°, 485, Fifth Ave., N. Y. C.; 5°, Austriaca Vienna.

ORELHUDA (S. Paulo) — 1°, 729 Seventh Ave, N. Y. C.; 2°, Ignoramos; 3°, 485 Fifth Ave., N. Y. C.; 4°, 1746 Wilcox Ave., Los Angeles, California; 5°, 729 Seventh Ave., N. Y. C.

SENA (Rio) — Entregue ao seu destino.

BRAZILIAN GEORGE WALSH (Recife) — Pois sim, but you are very paulificant.

MLLE. PRATT (Vassouras) — 1°, 729 Seventh Avenue, N. Y. C.; 2°, 485 Fifth Ave. N. Y. C.; 3°, Idem; 4°, Universal City, Calif.; 5°, 1476 Broadway, N. Y. C.

ANDRÉA KARRENE (Rio) — 485, Fifth Ave., N. Y. C.

ALCIDES FERNANDES (?) Universal City, Calif.

JIM FOX (S. Paulo) — Que historia é essa moça? Quem lhe contou tal novidade?

F. AVILA (Rosario D. Viçoso) — Existem; quanto aos preços que pede constam da propria revista.

JOSE DA RUA (Porto Alegre) — 1°, Ambos medianos; 2°, Não sabemos; 3°, Reedita films antigos; 4°, Empresas productoras; 5°, Pois sim, mas os allemães ha muito tempo que foram excluidos.

QUITANDEIRA (Florianopolis) — Já publicamos a noticia. Falleceu a 18 de Janeiro, repentinamente, no Sanatorio de Hollywood, onde havia sido recolhido dois mezes fazia agora.

J. MESQUITA (?) 485, Fifth Ave., N. Y. C.

BATACLAN (?) — Retrato natural de Mae Murray! Olhe que nella é tudo artificio. Sempre a vimos retratada pintadissima. Vamos ver se podemos satisfazer o seu pedido.

J. A. THOMPSON (Recife) — Quando lá chegar mande-nos um retrato que publicaremos.

FRANK WILLIAM (Natal) — Vamos attendel-o.

FEDOCA (Canto do Rio) — 1°, Não sabemos; 2°, Da Paramount; 3°, Independente; 4°, Leia o que recommendamos no cabeçalho; 5°, Tem ainda um resto, mas até Maio, duvidamos.

CHARLIE AND JACKIE (Rio Grande) — 1°, E o que tem isso? Aqui no Rio já foi exhibido ha mais de um anno. Imagina acaso que o film só tenha uma copia que corra o mundo inteiro?; 2°, Elogios de gentileza. Não tem nada que preste. Relegados ao archivo das bagaceiras; 3°, Ainda não nasceu; 4°, Ainda não appareceram, mas o que falta principalmente é arame; 5°, Não temos noticia certa, mas consta haver morrido.

LITTLE PAINTER (B. Horizonte) — Pois não viu que foi engano? E' que temos andado num atarefamento dos diabos estes ultimos tempos. Mostramos a s| carta ao Operador n. 3 que prometteu tomar de si uma vingança quando tiver de criticar um film seu.

LUIZ LAGE (Pitanguy) 10th Ave., 55th to 56th Street, N. Y. C.

A. NEIVA (Rio) — 1°, 1600 Broadway, N. Y. C. care of Robertson Cole Co.; 2°, Continúa o mesmo; 3°, Na mesma; 4°, 1476 Broadway N. Y. C.; 6°, Ignorada. Trabalha como extra.

B. S. AMARANTE (S. Paulo) — Falleceu a 18 de Janeiro em Hollywood, no Sanatorio em que se achava recolhido. Morreu repentinamente quando parecia melhorar. Quanto a 2ª parte não sabemos.

XODO' (Pelotas) — Não pode ser como quer.

ALVARO LORBAC (Poços de Caldas) — Entregue ao destinatario.

MME. XYZ (S. Paulo) — Nunca peça urgencia, pois que só respondemos ás cartas quando chega a sua vez, guardada a ordem de recepção. 1°, 10th Ave., 55th to 56th Str., N. Y. C.; 2°, Universal City, Calif.; 3°, Identico ao primeiro.

RECO-RECO (Rio) — 1°, No outro mundo; 2° e 3°, 485 Fifth Ave., N. Y. C.; 4°, 1476 Broadway, N. Y. C.

PARAMOUNTISTE (Pindamonhangaba — Isso é reclame demasiadamente local que não interessa a ninguem e só aos proprietarios.

J. FREITAS (Rio) — Olhe que foram todos, todos, todos... mas isso nenhuma móssa nos fez que delles não precisamos para cousa nenhuma.

MELITO ALVES (Pouso Alegre) — Leia o que recommendamos no cabeçalho. E para responder á sua pergunta seria necessario que houvessemos visto essas duas *preciosidades*, o que felizmente não aconteceu.

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS		PREÇO DA VENDA AVULSA	
Um anno (Serie de 52 ns.)	48$000	No Rio	1$000
" semestre (26 ns.)	25$000	Nos Estados	
Estrangeiro	60$000		

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que foram tomadas e só serão aceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131.

Succursal em S. Paulo. Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 3832. Caixa Postal Q.

Os Films da Semana

No Pathé — *Ninho de amor*, da Hodkinson, por Claire Adams. Historia complicada de um cavalheiro pouco escrupuloso. Casado, abandona a mulher por outro amor. Ha tragedia. No desenrolar do film todos soffrem quédas desastrosas, ficam aleijados. Quando se espera o final com a chegada da Assistencia e do medico, quem chega é a mãe do cavalheiro, viuva assanhada, que acha tudo muito bem e muito bom, concerta milagrosamente os aleijados e casa com o pae da segunda mulher preferida pelo filho.

— *Mocidade quer amar*, da Fox, por Shirley Mason.

Film emocionante com um entrecho cheio de lances imprevistos, em que Shirley Mason, a encantadora ingenua, se debate nas agruras de um amor contrariado pelas suspeitas criminosas contra o seu apaixonado. O motivo é velho. Mais tarde tudo se explica e afinal o criminoso era apenas a victima de um bandido, sacrificado pelo seu coração extraordinario de qualidades. Ha bons scenarios. Uma grande reunião mundana. Um automovel que vôa perseguido e que se rende porque estoura o pneumatico...

Shirley Mason, porém, é encantadora no seu romantismo.

No Odeon — *Uma licção de amor*, da First National, por Constance Talmadge.

Mais uma comedia interessante. Alguns motivos ainda não explorados. Bons scenarios. Encantadores mobiliarios e Constance Talmadge com a sua graça privilegiada, sendo senhora, para seduzir e conhecer o seu preferido, faz-se passar pela criada do elegante palacete. Ha scenas comicas bem arranjadas por esse *truc* e o film é bom.

No Palais — *A Imperatriz Elisabeth*, por Carla Nielsen e Niels Jansen. A historia tragica dos reinantes da Austria destruida. Alguns aspectos interessantes para os estudiosos da indumentaria da fancaria. No mais, desgraças, desgraças e desgraças... Não ha quem não chore!

— *Senhora da luva preta*, da Sascha, film em serie de assumpto policial. Os principaes interpretes são Lucy Doraine, Harry Walden, Kurt Lessen e Max Ostermann.

Como todos os outros, que de tão máo grado os *habitués* ds cinemas da Avenida, pelo habito, fingem que supportam, essa producção não tem, pelo menos na primeira parte que acabamos de ver, nada que surprehenda ou mesmo interesse. São as idiotices de sempre, incabiveis, ridiculamente fantasticas, mettidas em alguns scenarios magnificos, ás vezes de luxo, ás vezes de elegancia.

No Parisiense — *Dinheiro e juizo*, da Goldwyn, por Madge Kennedy e Kenneth Harlan. Historia simples de uma pobre bailarina dos theatros de provincia, que acaba muito burguezmente na felicidade de um amor puro, casando-se com um fabricante de pão, moço, forte, bonito e bom. Entretanto o film tem episodios sentimentaes bem curiosos em scenarios que interessam na sua variedade artistica. Madge Kennedy no seu romance amoroso, seduz com a meiguice dos seus labios tão perturbadores, ás vezes.

— *Sabendo levar a vida*, da Realart, por Mary Miles Minter. Comedia ligeira com alguns quiproquós interessantes em que Mary Miles Minter, com suas proverbiaes travessuras encanta o espectador. O romance é velho mas tem maneiras novas e foi sabiamente explorado pelo *metteur-en-scène* que lhe soube arrancar alguns recursos. Scenarios variados. Algum luxo. Poucos panoramas.

No Central — *Se eu fôra rainha*, da Book Offices, principal interprete Ethel Clayton. Este foi o melhor film da semana. Seu assumpto em parte novidade pelos meios em que se desenvolve, apresentando interiores, alguns bem pouco explorados, outros de grande luxo e encenação. Ainda alguns costumes que não perderam o valor da novidade e como uma tentadora perseguição, duas encantadoras raparigas — Ethel Clayton e Andræ L. Jon, a viverem uma apaixonada historia de amor cheia de aventuras e de surpresas.

No Avenida — *Abigail, a gentil*, da Paramount, por May Mac Avoy, Edward Cecil e Walter Mac Grail. Tambem um bom film com aspectos curiosos da vida pobre de New York, em que se encontra como principal figura uma interessante caixeirinha de um grande armazem de brinquedos. O romance todo desenrolado em scenas dolorosas tem magnificas situações de grande sentimentabilidade. Ha alguns typos admiravelmente creados. O film tem certas reproducções que agradam os espiritos curiosos das gentes e das cousas.

— *Ladrão fidalgo*, da Paramount, por Jack Holt. Este film se alguma cousa vale é apenas por seu interprete. Nelle se reproduz um dos mais velhos motivos da cinematographia americana. A historia do pastor e da igreja nas regiões do Alaska ou parecidas. O mesmo *bar*, os caracteristicos *habitués*, as bailarinas, os valentes, etc., etc. Mas Jack Holt, que é sem duvida um magnifico artista, empresta o brilho do seu talento a essas cousas todas tão apagadas. Creando um ladrão que se regenera elle é muito justamente admirado pela correcção do typo que interpreta.

No Ideal — *A desleal*, da Universal. Enredo, com alguma cousa de original, que prende pela curiosidade do desenlace. Marguerite De La Motte vae admiravelmente. E' o seu melhor trabalho até hoje, visto no Rio. Ralph Graves não vae muito bem e Matt Moore como de costume. Elle parece que foi ferido na guerra, mesmo. Todo papel de ferido lhe cabe. A direcção de Irving Cummings é melhor do que a dos dois films passados.

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 29 DE JANEIRO A 4 DE FEVEREIRO DE 1923

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLASSE
Hodkinson. .	Pathé	Ninho de amor (Heart's haven) . .	Claire Adams, Carl Cantvoort, Robert Mac Kum, Claire Mac Dowell . .		... 3 ...
Fox	Pathé	Mocidade quer amar (Youth must have love)	Shirley Mason, Wallace Mac Donald .	1922	... 6 ...
?	Palais	A Imperatriz Elisabeth.	Carla Nissem e Niels Jansen		... 3 ...
Sascha. . . .	Palais	Senhora da luva preta	Lucy Doraine, Max Ostermann	1921	... 3 ...
F. National. .	Odeon	Uma lição de amor (Lessons in love)	Constance Talmadge, Kenneth Harlan .		... 6 ...
Paramount . .	Avenida . . .	Abigail, a gentil (The top of New York)	May Mac Avoy, Walter Mac Grail . .		... 5 ...
Paramount . .	Avenida. . .	Ladrão fidalgo (While Satan sleeps).	Jack Holt Fritzie Brunette, Mabel Van Buren		... 5 ...
Goldwyn . . .	Parisiense . .	Dinheiro e juizo (Dollars and Sense).	Madge Kennedy, Kenneth Harlan. . .		... 4 ...
Realart . . .	Parisiense . .	Sabendo levar a vida (Don't call me little girl)	Mary Miles Minter, Jerome Patrick. .		... 5 ...
F. Box Off.	Central . . .	Si eu fóra rainha (If I were Queen) .	Ethel Clayton, Warner Baxtes	1922	... 7 ...
Universal . .	Ideal	A desleal (The Jilt)	Marguerite De La Motte, Ralph Graves e Matt Moore		... 6 ...

LEITORA INCANSAVEL (?) — Gratos, retribuiremos.

R. ARTIGAS (Santos) — Entre nós é difficil. Nos Estados Unidos só se disputa zer de tempo, dinheiro e... paciencia.

OLIVEIRA LIMA (B. Horizonte) — Apoiado! Mas deixe que appareça primeiro alguma cousa que se veja e apalpe...

TOM ROSCOE (?) — 1°, 485, Fifth Ave., N. Y. C.; 2°, 25 W. 45th Str. N. Y. C.

CAMPIGNON (Juiz de Fóra) — 1°, Está ha tanto tempo fóra do cinema! Não ha retratos novos; 2°, Se publicamos era verdadeira; não vivemos a espalhar balelas; 3°, Não ha; 4°. E'.

GIL DE MAGALHAES (Rio) — 10th Ave., 55th to 56th Str. N. Y. C. os dois primeiros, Hollywood, Calif. o ultimo.

LEITOR (Palmyra) — Leia o que recommendamos no cabeçalho desta secção.

AVENTUREIRO (Pouso Alegre) — Historias da Carochinha. Nem sonha em fazer tal viagem.

Parc Royal
A Maior e a Melhor Casa do Brasil

A PAGINA DOS NOSSOS LEITORES

Sr. OPERADOR.

A perspicacia do Joãosinho, de Bello Horizonte, fez-me as delicias de domingo. Poz de calva á mostra a minha germanophilia... Quem haveria de dizel-o ?

Não calou o protestosinho delle contra a supposta injustiça que ousei commetter, e, vae dahi affirmar que Pearl White não é... artista ! Notavel descoberta !...

Quem talvez não venha a concordar com a novidade é o Sr. Operador n. 3, como veremos.

Afóra as series, aquella actriz representou para a Fox *O lyrio do lodo, Os tres desejos, O ladrão, A montanheza, A filha do tigre, Pavão de Broadway, Temeridade* e *Paraiso de uma Virgem.*

Pois bem. Dessas, algumas tiveram louvores da critica, e, no n. 184 de *Para todos...*, lê-se, depois de referencias a duas outras pelliculas:

"Ambos, annunciados com maior reclame, gozaram a ventura de um publico maior e por isso Pearl White no Pathé... respectivamente nos films *Pavão de Broadway*... não foram vistos como bem mereciam os seus magnificos trabalhos."

Em o n. 190, saliento:

"*Paraiso de uma Virgem*, da Fox, embora não merecendo o sumptuoso titulo de super-producção, interessou. Seu romance, desenvolvido como está, é curioso e o encanto e a seducção de Pearl White encarregaram-se do resto."

Estará ainda morta a arte da bella actriz ?

Pois eu lhe conheço, della, tres faces do talento: no drama, na comedia e nas series.

....

Nos cinemas em que tenho assistido as exhibições, não se contam "molecões" entre os seus frequentadores. Parece, por isso, demonstrada a nossa differença esthetica...

....

Se Joãosinho não apreciou *Revelação* e *Santa Simplicia*, da Ufa, perdeu a melhor opportunidade de certificar-se do que eu disse de Alfred Gerasch; e se não compulsou os ns. 179, 183, 185, 186, 190, 192, 206 e 207, os que abri ao acaso, perdeu ainda melhor opportunidade de fazer a comparação que me solicitou, com referencia a *Cidade do silencio*, etc.

Contrario do mal teve cotação de mediocre.

O que me faz crer é que Joãosinho só vê fitas da Paramount, que, aliás, eu tenho em optima conta, pois que a julgo a primeira fabrica americana.

Não valem comparações; mas acceito as pastilhas e os contos em ou de papel. Sómente, peço não mandál-os por intermedio de *Para todos...*, que o maçaria...

Griffith e De Mille tambem formam a corporação americana inteira ?

◇

Chegámos ao *Far West.* Prepare-se porque vou usar os laços e a pistola.

Mas não se assuste o Joãosinho... São laços de remate e as balas em troca das pastilhas.

Então eu não sabia que a traducção estava errada ? Então eu não sabia que o supposto *far west* era... no sul de França ? Então... Eu não disse que a indole de qualquer povo europeu não comporta a vida do Este americano ?

Aliás, minha extranheza era só pela ridiculez, pela inepcia da traducção.

Ora o "sopinha de leite"!... Só "Paramountista", hein ? E o First National, o First Circuit, a Vitagraph, a Goldwyn, Triangle, Selznick, World, Select, Equity, Robertson Cole, Metro, Pathé N. Y., United Artists, Arrow, Realart, Associated Producers, Inspiração, e, para terminar a lista, a Fox e a Universal ?...

Já vê que não tenho só predilecção pelas *allemãs*, como griphou Joãosinho.

Agora, veiu-me uma lembrança que vae deixar Joãosinho de cara á banda (permitta a expressão).

Joãosinho, que é "Paramountista", deve saber o que é a Efa. Pois a Efa é um departamento, o primeiro, ou segundo, da Paramount na Europa.

Por que foi a Allemanha a escolhida?

Deve saber tambem que o primeiro trabalho foi *Loves of Pharaoh*, muito elogiado pela critica americana, mais benevola do que o foi a nossa.

Pois os principaes artistas dessa producção, Emil Jannings, Dagny, Lyda, Wegener, Bassermann e Harry são, justamente, os que inclui no "monte de nomes" a que Joãosinho allude e aos quaes os melhores elogios são: xarcpadas e insuperaveis estopadas.

Agora. Se a Paramount, como declarou Lasky, vae contractar na Europa os mais *afamados* artistas, e já tem aquelles *xaropes* fazendo parte do seu elenco, é uma corporação desacreditadissima.

Isto prova que o amavel contradictor de Bello Horizonte não sabe ainda julgar do merito dos artistas cinematographicos allemães, e o resultado é o que se vê: confunde-se e acaba dizendo mal do que se propõe elogiar.

◇

Não conseguiu convencer-me, não carissimo Joãosinho; e ainda fortaleceu o meu modo de julgar.

E d'outra vez, ponha de parte *fraulein, miss, mistress, mister* e quejandos, porque sou

WHITE PEARL.

Rio, 15 de Dezembro de 1922.

Rio de Janeiro, 16 de Janeiro de 1923

Illm. Sr. OPERADOR

do *Para todos...*

Leio com a melhor das attenções a *Pagina dos nossos leitores* que V. Ex. tão correctamente dirige, e, noto que muitos dos que collaboram nessa pagina chegam a ser, até um certo ponto, rudes em suas franquezas.

Não tenciono repetir o que aconteceu com o artigo muito acertadamente escripto pelo Sr. F. B.; e, estava disposto a calar-me se não fossem as ultimas palavras escriptas pela senhora Flor de Lotus que dizem: —"E só. Não são verdades ?"

Começa a senhora Flor de Lotus por dizer que "Mary Pickford é a belleza que impera na téla; é sem rival". Ora, não resta duvida alguma sobre a popularidade universal de Mary quanto a sua interpretação em qualquer genero, mas não quanto á belleza, apezar de muito graciosa.

Tantos elogios á belleza de Mary, para mais adiante escrever o que escreveu da irresistivel Bebe Daniels, que quanto á belleza, bem se póde comparar com a de Mary...

Que "Betty Blythe nada tem de formosa nem de encantadora, pelo menos em *Como se enganam as mulheres*, appareceu horrenda".

Como se enganam as mulheres não foi a unica fita de Betty, que vimos no Rio. Não viu então a *Rainha de Sabá*? Se a visse nesse film, chamal-a-ia maravilhosa ! Vejo que só guardou do film que citou, a scena em que Betty, depois de muito caminhar por estradas poeirentas, fica com o rosto engordurado do cansaço e o pó da estrada junta-se a mesma, e, Betty chora e as lagrimas correm pela massa gordurosa, não produzindo bom effeito.

"Mary Prévost tambem nada tem de encantadora..." Ora! senhora Flor de Lotus, dizer que Marie Prévost nada tem de encantadora é ser pessimista, e demais !

O que dizem de Agnes Ayres é a pura verdade, senhora, a escassez de cinemas na Gavêa talvez lhe não désse ensejo de concordar com o que dizem

Sessue Hayakawa é um japonez sympathico, não se duvida, mas a senhora queira desculpar-me: não é tão formoso como diz.

Note, porém, senhora Flor de Lotus, não sou de todo contrario ás suas opiniões; razão porque espero não ficará zangada commigo.

Sem mais pretextos

RONACIN

Triumphar no moral e no physico, deve constituir a mais formosa aspiração da mulher.

Cultivando os mais nobres e elevados ideaes alcança-se o primeiro; proporcionando á cutis que é o primeiro factor da belleza facial, todos os cuidados e attenções que requer uma boa hygiene, consegue-se o segundo. Com o uso constante do

PO' DE ARROZ MENDEL

conserva-se a pelle fresca e louçã e mantem-se num estado de exquisita suavidade e delicadeza.

Logo o emprego deste excellente artigo de toucador significa levar juventude e belleza onde não ha e realisal-a e augmental-a aonde já existe.

Nota importante — O Pó de Arroz Mendel possue uma notavel qualidade adherente que resiste á acção do ar e por conseguinte não se deve usar nenhum crême ou pomada.

Usa-se nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr, „Chair" (carne) para as lauras e "Rachel" (creme) para as morenas.

Vende-se em todas as perfumarias e casas de primeira ordem.

Agencia do Pó de Arroz Mendel: Rua Sete de Setembro n. 107, 1° andar. Telep. C. 2741 — Rio de Janeiro.

Deposito em São Paulo: Rua Barão de Itapetininga n. 50 — MENDEL & Cia.

Graphologia

AVISO

Temos mutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

RIZZOLETTA (Bello Horizonte) — Não se póde negar que tem um espirito apaixonadissimo, mas sabe fingir grande circumspecção, de modo a parecer fria... Sua cabeça tem mil idéas ainda um tanto indefinidas. O que *elle* soffre é, pois, a dor da ausencia. Essa conjectura casa-se bem com o zelo que lhe desperta a pessoa *delle*... Soffrerá alguns assedios da adversidade, mas vencel-o-ás discretamente.

ROBERTO (Macahé) — Pouco se nos dá que o senhor precise vir ao Rio. O que se patenteia é a sua grande actividade espiritual, capaz de grandes iniciativas. Mas falta-lhe o preparo indispensavel, de modo que não tira o proveito material que se devia tirar. Nada mais. O que escreveu sério não dá margem para maior estudo.

NILDA (São Paulo) — E', inquestionavelmente, uma natureza forte. Tem, é verdade, um espirito frio, um tanto indifferente até mesmo no amor. Mas a sua vontade é poderosa e realisa tudo quanto deseja. Sobria, discreta, reservada, só se conhecem os seus actos quando os pratica. Isso, porém, não quer dizer, nem por sombras, que se trata de um temperamento traiçoeiro, desses que agem com surpresa, de improviso, pois ha muita lealdade no seu coração. E ha tambem grande bondade.

PORTUGUEZA (S. Paulo) — E' uma sonhadora e uma voluptuosa. Seus instinctos sensuaes são possantes, mas envoltos sempre num certo mysterio sonhador. Tem um grande poder dissimulatorio. Não deseja que lhe conheçam as fraquezas e as encobre habilmente. E' colerica. Reage desabridamente quando a fazem zangar, graças á curteza do seu espirito. Sua vontade é energica e teimosa.

SIOB (Campos) — Seus principaes caracteristicos são a vaidade e a audacia. E' certo que não faz máo uso dessas duas cousas, pois, além de ter um espirito elevado tem um coração muito bondoso. E como ainda é muito expansivo, conquista facilmente as sympathias geraes. Traço final: comquanto amigo do dinheiro, cultiva o idealismo.

FLOR DE OURO (S. Paulo) — Pretenção e frieza de espirito não lhe faltam. Falta-lhe bondade cordial e firmeza de pensamento. E é só, á vista do quasi nada que escreveu.

BA-TA-CLAN (Rio) — E' um expansivo, mas não leviano. Ha no fundo da sua exuberancia de linguagem uma notavel ponderação. A sua vontade é fragil, não por falta de ambição e de iniciativa, mas por inconstancia e, sobretudo, por uma tendencia esquisita para se annullar logo as primeiras investidas. Ha muita desconfiança no seu caracter e muito idealismo no seu cerebro. Pouca bondade cordial.

MISS O' BRIEN (Rio) — A exuberancia da sua natureza está subordinada á a um espirito muito cauteloso. Dahi uma individualidade communicativa dentro dos limites de grande prudencia. Ha bastante idealismo no seu espirito, mas ha tambem grande senso pratico — o que mantem um apreciavel equilibrio. Nota-se egualmente um grande amor á pecunia, sem aliás, se notar o egoismo correspondente a esse traço. Tem um intelligencia clara, penetrante e compenetrada, preferindo os assumptos de feição seria e util. Seu coração é bastante egoista, e, em questões de amor, não admitte dualidades, nem tolera affeições de caracter passageiro ou leviano.

SOUZA (Rio) — E' um homem de pulso e alma, isto é, tem força physica e força espiritual. Por isso é um destemido, cheio de audacia e com a vaidade sufficiente para alardear aquellas qualidades. O seu espirito é muito vibrante e ponderado; não foge, porém, a influencias colericas e as faz sentir. Dispõe de alguma perspicacia para dissimular as demasias do seu temperamento. E' luxurioso, sem deixar de ser idealista e sonhador. Seu coração commove-se pouco com a desventura alheia.

MIMI (Poços de Caldas) — Apparenta muita franqueza e algum idealismo. No fundo, porém, predomina o egoismo e as idéas praticas. E' extremamente economico, amigo de guardar o que é seu e de se servir do que é alheio — não por mal, está visto. Seu trato é affavel e delicado. Angaria-lhe a maior somma de sympathias. Seu temperamento é em grande parte propenso á arte, não talvez como profissional, mas, ao menos, como grande apreciadora. Tem um coração muito esmoler embora um tanto frio para demonstrações amorosas.

GASTON VERLAINE (Rio) — Predomina em toda a extensão o traço da sensualidade, traço inconfundivel e de uma pemanencia notavel. A contrastar com elle possue uma vontade fragil, não por falta de força inicial, mas por defeitos de orientação que é sinuosa e má. Seu espirito é forte, mormente contra a rotina, e por isso tem feição contradictoria para o commum dos mortaes. Gosta immensamente de se expandir, sobretudo para conquistar... Seus instinctos obrigam-n'o ás attitudes mais summarias. Tem uma comprehensão facil e sabe vulgarisar os conhecimentos que possue. São excellentes as suas qualidades de coração.

MYRIAM (São Paulo) — O seu caracter é serio. Tem alguns excessos de capricho, mormente quando está em causa o seu coração que é duro e não cede facilmente a injuncções apaixonadas. O espirito é sobrio e previdente, ligeiramente idealista. A simplicidade é o seu melhor caracteristico quando no contacto commum com a sociedade. Ha um certo egoismo no seu coração, mas deve estar ligado áquella particularidade caprichosa de que acima falamos.

MELINDROSO (Rio) — O campo da sua graphia é pessimo. Um exiguo cartão mata a espontaneidade do traço e o reduz muito na sua significação. Por isso, talvez, a sua natureza se nos apresenta incerta, cheia de ambiguidades, ora parecendo exuberante e generosa, ora rachitica e cheia de egoismo. O espirito é acanhado, leviano, contraditorio, não obstante um ou outro surto de franqueza. E' desconfiado, amigo de guardar dinheiro, embora tambem não seja estranho á pratica da caridade.

LOURINHA (?) — Temperamento pouco vibrante, ainda que ás vezes se enthusiasme, mas mesmo assim não sahe da moldura das conveniencias. A vontade é forte e muito exigente. E o coração extremamente bondoso.

FLOR DE PAIXÃO (Rio) — Natureza muito espiritualista, sonhadora e muito propensa a cousas de arte. Concommittantemente, supporta a carga dos instinctos sensuaes, que é grande. Tem a vontade forte e ambiciosa. E' muito credula, mas quando desconfia, fica prevenida contra quem lhe provocou esse sentimento. Com as pessoas intimas é muito expansiva, comquanto pouco sincera. E' capaz de muitas generosidades, mas tambem de não menores egoismos.

A graça e a seducção podem ser obtidas e a velhice retardada

A Belleza considera-se attingida sempre que se obtem uma perfeição, uma graça, que torne o rosto o conjunto harmonioso e attrahente. Ao mesmo tempo o cuidado, a hygiene e o uso de um producto verdadeiramente util como o "POLLAH" corrigirão as imperfeições prematuras e retardarão as que são devidas á idade.

Não existe mulher bonita que não sinta o orgulho ferido, quando as amigas deixam de voltar-se para vel-a passar — POLLAH conservará a belleza do seu rosto, muito além da primeira juventude.

O ideal de um rosto bonito não é só a belleza da fórma, mas a limpeza da cutis, a ausencia de espinhas, manchas, escoriações, vermelhidões, cravos, póros muito abertos. A cutis deve ser bem unida sem quasi perceber-se os póros, branca ou morena, conforme a pessoa, porém, de um tom uniforme, limpa, sem manchas, sem pannos, sem asperezas; emfim, deve ter a semelhança da porcellana. Este é o segredo do CRÊME POLLAH — que transforma as cutis pouco agradaveis em rostos delicados, curando, modificando, unindo, e devido a esse resultado é que o CRÊME POLLAH, da AMERICAN BEAUTY ACADEMY (Academia Americana de Belleza), está cada vez mais procurado em todo o mundo.

O CRÊME POLLAH encontra-se na Casa Crashley & C., Ouvidor, 58 e nas principaes perfumarias do Brasil — Remetteremos gratuitamente o livrinho *Arte da Belleza*, a quem enviar o "coupon" abaixo aos representantes da "American Beauty Academy" — Rua 1° de Março, 151 — Sobrado — RIO DE JANEIRO.

✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿ ✿

(*Para todos...*) — Córte este "coupon" e remetta — Srs. Heinzelmann & C., Reprs. da "American Beauty Academy" — Rua 1° de Março numero 151, Sob. — RIO DE JANEIRO.

NOME .. ..

RUA .. ..

CIDADE .. ..

ESTADO .. ..

Farinha POLLAH

(Amendoas)

O uso do sabonete é bastante prejudicial. O que succede aos tecidos de lã, que ao contacto da agua com sabão enrugam e arrepiam, succede á cutis, que perde a maciez com o uso constante do sabonete. O sabonete, antigamente, era pouco usado e, ainda hoje as orientaes possuem as cutis mais bellas do mundo, porque não as estragam com alcalis e gorduras, materias primas de qualquer sabão. A FARINHA "POLLAH" é inegualavel. Limpa perfeitamente a cutis e evita os estragos produzidos pelos sabonetes. Na Casa Crashley & C. — Ouvidos, 58 e nas principaes perfumarias do Brasil.

Remetteremos gratis o livrinho *Arte da Belleza* a quem enviar o *coupon* abaixo:

ANNO V

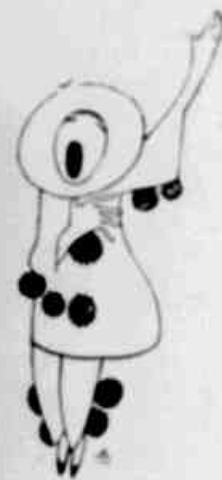
NUMERO 217

Para todos...

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1923

TUDO E' NOVO SOB O SOL...

ERENAMENTE, Arlequim acabou a pequena chicara de café. Pediu a conta. Poz-se a pensar que o pobre Ecclesiaste não tinha razão... Tudo é é novo sob o sol... Lá fóra chovia. Arlequim olhava a gente que ia e vinha, contente, debaixo da agua amavel com que o céo de verão borrifava as ruas... Sentia-se feliz. Accendeu um cigarro, e a primeira fumaça foi uma delicia longa, que se sumiu no ar, e que elle acompanhou como se visse que lá ia, naquella nuvem meio cinzenta e meio azul, um pouco do seu proprio destino bemaventurado... Lembrou-se de cousas tidas e perdidas. Um instante, em imaginação, vestiu o antigo traje symbolico, feito de varios pedaços de todas as côres... E logo o espelho ao lado da mesa mostrou-o dentro do terno de *palm beach*, em pleno seculo XX, depois da grande guerra na Europa e do Centenario da Independencia no Brasil... Treze mil e duzentos o almoço... A vida está cada vez mais interessante... Arlequim sahiu para o asphalto a reluzir, refrescado. Caminhou. Parou diante das vitrines. Continuou. Na Avenida, os cinemas retiniam Jack Holt, Mary Miles Minter, Constance Talmadge, Shirley Mason... Paramount, Fox, Realart, First National... A França deu de presente o Petit Trianon da Exposição á nossa Academia de Letras... — Boa tarde ! — Oh ! — Que bellas porcellanas de Copenhague ! — E as sedas que chegaram de Paris !... Parou a chuva. Sol. Mulheres, automoveis. Uma exposição de quadros. Bondes, carros de mão, muitos rapazes. — Você já leu a *Paulicéa Desvairada*, de Mario de Andrade ? Arlequim pensou ainda que, na verdade, tudo é novo sob o sol... E estremeceu. Colombina vinha pela calçada; Colombina, de vestido leve em cima da carne branca; boneca do *Ba-ta-clan* dansando a dansa do lindo andar... Pobre Ecclesiaste ! Houve algum dia outra Colombina assim ?... Os lança-perfumes sorriam, na claridade humida, annunciando o Carnaval... Colombina passou por elles e elles sorriram mais... — De onde vens, para onde vaes ? — Venho da manicura e vou tomar um sorvete... — Então, vamos... — Então, vamos... Pobre Ecclesiaste ! Pobre Pierrot !...

ALVARO MOREYRA.

No baile do Theatro Phenix.

BA-TA-CLAN — ÇA C'EST UNE CHOSE...

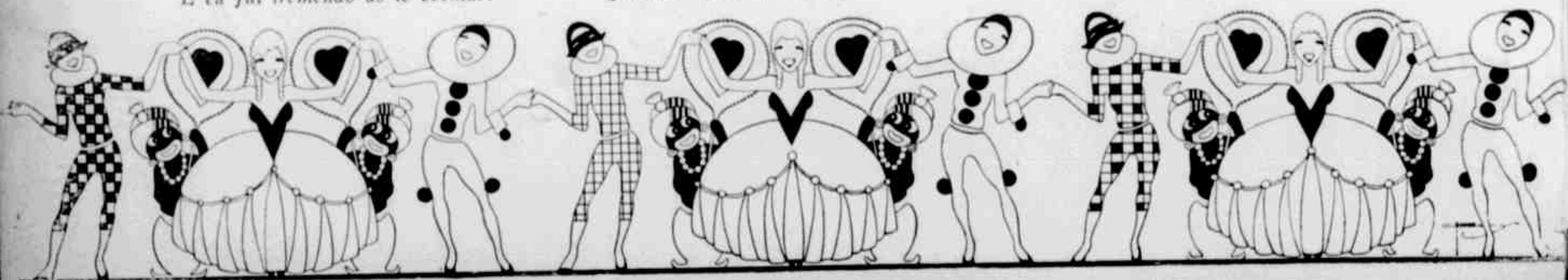
"Ça c'est une chose" que eu não posso
Nem esquecer nem recordar...
O nosso amor profundo, o nosso
Sonho... — Mas não convem chorar!

Lembras-te? Começou no "Gloria"
Um "flirt" apenas. Em frente ao mar,
Foste contando a tua historia
E eu fui tremendo ao te escutar.

Depois na convivencia diaria,
Aprendeste a me dominar.
Como eras loira! Uma canaria,
Como eu fui tôlo em te adorar!

A nossa casa sob a caricia
De um arvoredo tutelar...
E a malicia voluptuosa, a malicia
Que boiava no teu olhar.

E os teus gestos desabusados,
E aquella noite aberta em luar,
Quando eu, de olhos asphyxiados,
Parecia querer voar...

E as ceias... E o omelette aquelle
Que comiamos quasi sem pensar...
E o "frisson" que sentias na pelle...
E o sabôr do meu paladar...

Baile infantil da Sociedade Hippica Paulista.

Porque trazer essas cousas doudas
Para as almas nos torturar?
Que duas cabecinhas doudas
As nossas. Nem é bom pensar.

Hoje passaste presa ao braço
Do teu marido... Um lindo par.
Quando me viste, vi que o teu passo
Perdeu o rythmo regular.

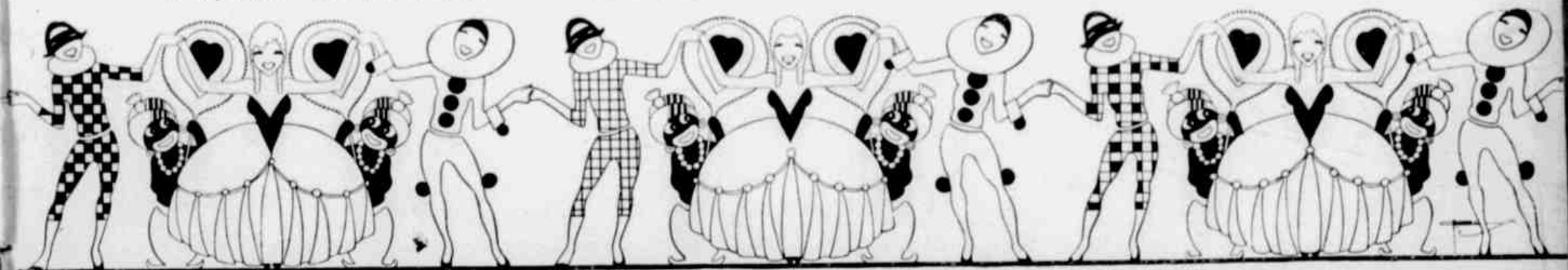
E senti que a tua bocca quente
Polpuda e fresca e salutar
Tremia convulsivamente
Desejando... Para que desejar?

Pede ao marido que te deram
A caricia que eu cancei de dar.
E os teus olhos, já me esqueceram?
Ainda se fecham de vagar?

Fala. Diz o segredo do nosso
Passado. Quero te escutar.

— "Ça c'est une chose" que eu não posso
Nem esquecer nem recordar...

João da Avenida

FANTASIA EM AMARELLO

Pelos vitraes da janella,
Pierrot, do parque, vê que alguem, na sala,
uma sombra diaphana e bella,
rodopia na dansa que a musica embala.

Pobre Pierrot! Ficam-lhe os olhos baços...
E, de repente,
por que veja na lua uma taça de mel,
estendendo-lhe os longos braços,
corre para ella delirantemente
e bebe... mas o que elle bebe é fel.

E, num momento, tonto da bebida,
(a sombra dansa na janella) cambaleia,
delira e põe-se a maldizer a vida,
todo amarello como a lua cheia...

Os pavões fazem grandes alaridos
em torno ao parque... Pierrot, porém,
não ouve nada, apenas olha,
de olhos estarrecidos,
a tristeza do lago onde a lua não vem
pousar como uma grande flor que se
[desfolha...

A lua baila um bailado que não tem fim,
no céo, que é a fantasia de Arlequim...

ONESTALDO PENNAFORT.

(Desenho de J. Carlos)

MARIANNA GENTIL

Em nome da França e de seu Governo, o embaixador Conty acaba de brindar o pensamento nacional, na pessoa juridica da Academia Brasileira de Letras. O Petit Trianon, que é a denominação do esplendido palacete onde os francezes ergueram o seu Pavilhão no recinto da Exposição do Centenario, todo elle em branco, azul e ouro, com a sua fachada opulenta e os seus bellos e confortaveis apartamentos guarnecidos de objectos preciosos, foi, pelo diplomata illustre, doado aos nossos academicos, que assim terão, de agora em diante, um abrigo condigno, abandonando definitivamente a ala direita do Sylogeu da praia da Lapa, cedida, de favor, pelo Ministerio da Justiça.

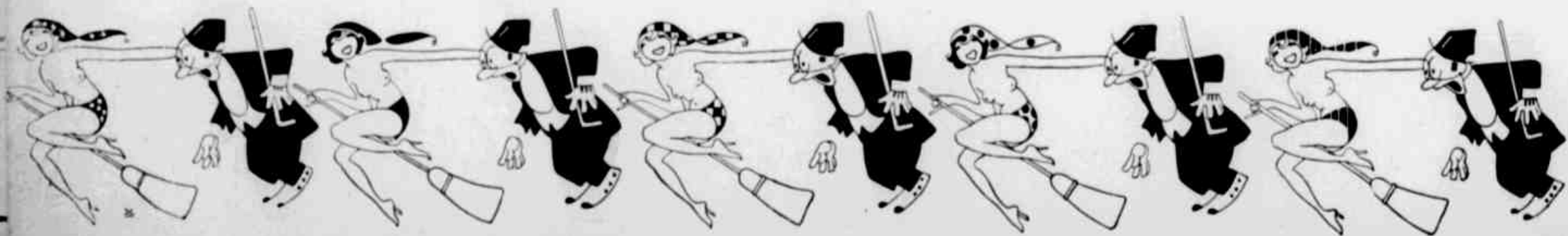
Está ahi, senhores, uma gentileza de Marianna que me deixa deslumbrado e captivo. Ha tempos, a opinião indigena, principalmente a opinião que lê e raciocina, perdeu aquelle tradicional enthusiasmo pelo espirito gaulez. E aqui até chegou-se a vaiar a gente seductora do Ba-ta-clan*!... A machina infernal da grande guerra, que trabalhou e vomitou fogo de* 1914 *a* 1918, *acarretou para a França victoriosa uma serie não pequena de amargas desillusões que ainda agora mais se avolumam quando ella sente que a consciencia dos povos civilisados não está inteiramente ao seu lado nesses arreganhos da occupação do Ruhr, tanto quanto esteve antes, quando os allemães do militarismo de Guilherme II atravessaram a Belgica para marcharem sobre Paris.*

Não é aqui o momento para se avaliar da justiça ou injustiça dos processos contra a Allemanha livre e democratica, que se queixa de não poder pagar os monstruosos encargos impostos pelo Tratado de Versailles, a titulo de reparações e indemnisações. Eu sei que ambas as Nações, de heroicos feitos na guerra e na paz, soffreram horrivelmente com a catastrophe, e se a vencedora se torna impiedosa para com a vencida, a Europa, maior interessada na sua estabilidade economica, que arbitre, afinal, com quem é que está a razão.

Basta dizer que a propria Inglaterra, tão serena e egoista em face dessas rajadas e delirios que sopram periodicamente do outro lado da Mancha, a loura Albion, *de quem Henri Heine escreveu que o mar não a engulia porque teria nojo de vomitar tão formidavel armazem de seccos e molhados, não quiz intervir no incidente, deixando que os seus irmãos d'armas se entregassem á sua sorte nesta nova aventura.*

Uma preoccupação, entretanto, e das mais elevadas que póde ter um povo glorioso integrado na sua consciencia de educador dos outros povos, absorve a França que renasce com o Armisticio: a de chamar de novo o mundo á sua estima e ás suas relações intellectuaes.

O Brasil teve, em pouco tempo, algumas visitas de francezes em evidencia. O poeta Paul Fort, o general Mangin, o historiador Le Goffic e o bispo Baudrillart passaram pelo Rio, onde deram os seus depoimentos.

Paul Fort, em primeira mão, fez conferencias sobre o verdadeiro sentimento da canção franceza, mostrando como ainda hoje o caracter da poesia expontanea na alma dos seus compatriotas é, sem duvida, o mesmo que já inspirava á Béranger. Esse artista bohemio, a quem a volubilidade pariense deu uma corôa de Principe, esforçou-se para nos convencer de que a alegria de Paris não havia morrido com Montmartre e que nos bairros afastados e nos cafés meio desertos ainda adejavam as recordações de Verlaine, de Beaudelaire, dos Goncourts, de Gavarni, de Moréas, de Rimband, de Mallarmé e dos outros. Segundo esse suave fabricante de balladas, na Cidade Luz de 1922 *ainda se encontrava o Café de Robespierre ou*

aquella agua-furtada onde Mimi morreu, tossindo nos braços de Rodolpho e Marcello. Tudo como em 1830...

Mangin, que parece um typo batido numa forja, trouxe-nos as evocações do Somme, do Chemin-des-Dames e de Verdun, logares onde a sua audacia sem limites entupia as boccas dos canhões inimigos com dezenas de milhares e milhares de miseros combatentes coloniaes.

Le Goffic não se demorou muito nesta capital, mas teve as horas sufficientes para trocar idéas com escriptores que o foram receber. Levou, de certo, do Brasileiro uma impressão que talvez não imaginasse.

Monsenhor Baudrillar, ex-presidente da Academia Franceza e bispo auxiliar de Paris, especialista na politica do Catholicismo francez e na critica religiosa, investiu-se até de uma certa missão official, divulgando aos americanos do sul a nova phase que os destinos humanos aconselharam á França a seguir, para que do seu papel de preponderancia no concerto das Nações jámais abdicasse.

Reconheço em Marianna os seus nobres propositos. Ella não quer perder, nem perderá, a hegemonia intellectual que os seus philosophos, os seus poetas, os seus romancistas, os seus tragicos, os seus dramaturgos, os seus comediographos, os seus historiadores, os seus musicos, os seus oradores, os seus esculptores, os seus pintores, os seus architectos, os seus gravadores, os seus grandes sabios na medicina, no direito e na engenharia, nomes dos mais illustres entre os mais illustres do mundo nas sciencias physicas e naturaes, lhe legaram através dos seculos. A Patria que tem grandes homens em excesso, a ponto delles depois de mortos não caberem todos num Pantheon, não abdica de uma supremacia que lhe pertence. Embora a Academia Brasileira esteja muito distante da sua co-irmã franceza, que lhe inspirou a fundação, o brinde é uma homenagem excepcional. Receio, apenas, que os herdeiros do fallecido editor Mecénas não saibam mostrar-se agradecidos...

M. PAULO FILHO.

◇

PERFUMES DE FRUTAS

Depois de abolir as meias das mulheres, depois do "Ba-ta-clan", depois de "Femina", do "Flirt", depois de todas elegancias de moda e de espirito, depois de todos os excessos, depois de Paris, Paris manda-nos agora a moda dos perfumes feitos de, em vez de flores, de frutas. Em breve, como acontece a tudo que nos vem de lá, teremos de ver propagado entre nós o uso elegante desses perfumes aphrodisiacos que tornarão mais excitantes ainda esses frutos prohibidos que são as nossas lindas mulheres que enchem de encanto e de extase, bellas como as arvores, as ondas e as plumas, as avenidas, as casas de chá, os cinemas, a vida deslumbrante da frivolidade que é ainda a unica cousa séria no mundo...

◇

Um homem ia enforcar-se. Mas encontrou, junto á arvore que lhe serviria de forca, um thesouro. Pegou delle e fugiu. O dono do thesouro veiu e, não encontrando o thesouro, pegou da corda, lançou-a á arvore e enforcou-se. — PLATÃO.

Outras fantasias do baile infantil na Sociedade Hippica Paulista

Terra Carioca

O Carnaval do Rio de Janeiro

Dia a dia, vae esmorecendo o Carnaval no Rio de Janeiro. Não existe mais o pittoresco das fantasias, nem o espirito dos mascarados ; tudo, como todas as tradições da cidade, desapparece... O Carnaval de hoje é o corso monotono, com decorações de máo gosto, só permittido aos ricos. Outr'ora quem se divertia realmente era o povo, o entrudo era o "pivot" dos divertimentos, não custava nada e era bem mais engraçado que os de ether e outras drogas nocivas aos olhos e á pelle. O entrudo tinha um encanto especial, tinha o "limão de cheiro" e as seringadas irreverentes nos collarinhos duros, nas cartolas pelludas e babados engommados... As cantigas das vendedoras de "limões" cortavam o ambiente festivo. As vendedoras eram raparigas, mulatas faceiras, faziam a sua "quitanda" com requebros e saracoteios estonteantes e voz dolente:

Ahi vae, ahi vae (1)
Laranjinhas de "primô";
Compre, yáyá, laranjinhas,
Para "entrudá" seu "amô".

E' de yáyá, é de yôyô,
Quem "quê entrudá" seu "amô!"...

E as moçoilas garrulas, de faces esfogueadas e vestidos encharcados, em companhia do rapazio, investiam para a vendedora, esvaziando-lhe o taboleiro polychromo dos "limões de cheiro". A mulata partia dengosa, batendo o taco das chinellas pela calçada em busca de nova "quitanda", sempre cantando:

Quem entruda seu "amô"
E' signal de intimidade;
Yáyá, entrude a yôyô,
Para lhe ter amizade.

(1) Mello Moraes.

E' de yáyá, é de yôyô,
Quem "quê entrudá" seu "amô!"...

As batalhas assumiam ás vezes um caracter sério, os "limões" eram postos á margem, a agua jorrava com violencia dos esguichos dos jardins, inundando tudo... Mal a victima se via livre da agua, julgando-se fóra de perigo, surgia o alvaiade e a farinha de trigo, inutilisando-a por completo.

O entrudo em 1822 — Desenho de Angelo Agostini.

Charge sobre a prohibição do entrudo em 1883, por Angelo Agostini.

Os que não podiam comprar "limões de cheiro", reuniam-se em torno dos chafarizes, travando batalhas encarniçadas, — bem felizes eram aquelles tempos; os chafarizes tinham agua !

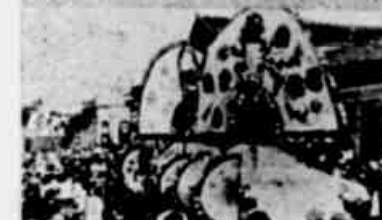
Mello Moraes assim nos descreve uma "fabrica de limões de cheiro" em familia, nas vesperas dos folguedos carnavalescos:

"Em volta de um fogareiro, sobre brazas a miude ateadas, fumava num "caboré" meio d'agua espessa camada de cêra fundida. As fabricantes de laranjinhas espetavam, em ponteiros, limões naturaes de tamanho irregular. Uma das velhas dispunha o carmim, o anil e o verdete para o colorido da massa; as moças tomavam de um canivetinho, com que incisavam a delgada pellicula das espheras translucidas que esfriavam; os meninos folheavam livrinhos de pó de ouro; e as raparigas arranjavam os taboleiros e bandejas, no chão da sala.

Logo que a cêra estava no ponto, desenvolvia-se o trabalho successivo das operarias afanosas, trabalho por vezes distribuido com methodo pelos industriaes. Retirado do fogo o "caboré", afim de baixar a fervura, mettiam no lastro oleoso e colorido os limões previamente untados de sabão. Sobre uma cadeira havia uma tijella com cêra morna, que servia para soldar as bandas separadas e embutir o orificio deixado pelo cabo onde os seguravam.

Findo este processo, enchiam as delicadas capsulas com aguas aromatisadas de essencia de canella, rosa, cravo, etc., servindo de conducto ao liquido em pequeno funil de folha de Flandres."

Esse divertimento existiu até bem pouco tempo, nos ultimos carnavaes do seculo passado, na rua do Ouvidor. Os "limões" cortavam o espaço em grande

Prestitos de velhos carnavaes do Rio

quantidade, depois vieram os balões de borracha e as seringas de desinfecção. No tempo em que o grande e saudoso Oswaldo Cruz iniciou o periodo de expurgo no Rio de Janeiro, muitos estudantes e até medicos, sahiam á rua empunhando as longas seringas metalicas para "entrudar". Muitas vezes vimos o saudoso Dr. Graça Couto batalhar encarniçadamente; acompanhava-o um criado conduzindo baldes de agua, onde elle se abastecia...

Pouco a pouco, desappareceu o entrudo. As bisnagas em fórma de relogios e revólvers tiveram então vasta applicação; o extracto de bergamota, a agua florida e outras essencias foram largamente utilisadas no preparo das "aguas de cheiro" com que se carregavam as bisnagas. O abuso e a maldade de certos individuos, que, em vez de "agua de cheiro", empregavam acidos violentos, levaram a policia a prohibir o seu uso.

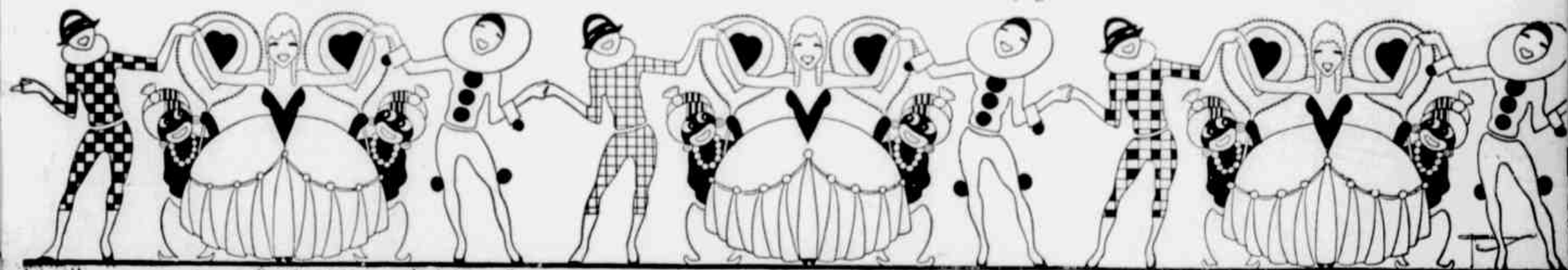
Com a prohibição, appareceu o lança-perfume, pretendendo substituir os meios usados nas pugnas carnavalescas, porém, a acolhida foi muito relativa, devido aos preços elevadissimos por que eram vendidos. O "confetti", tão pittoresco e alegre, que atapetava a rua do Ouvidor, está tambem em franca agonia. A serpentina tem tido a sua "revanche", é um dos maiores divertimentos do actual Carnaval.

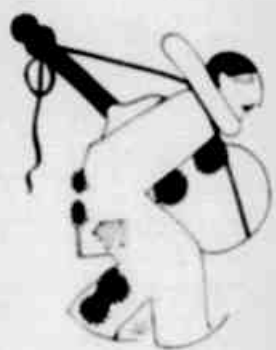
O que é mais doloroso é a perda dos caracteristicos que o nosso Carnaval offerecia; as mascaras genuinamente nacionaes desappareceram completamente. O "diabinho", tão alegre, todo encarnado com a sua mascara horripilante, de córnos e lingua enorme de fóra, fazia o encanto dos antigos carnavaes; sempre em bando, aos pinotes, com os rabos a rodar como rodinhas de fogo, davam a nota encantadora da cidade; o "Bébé chorão", de fralda de fóra e mamadeira; o "Morcego", todo negro, de grandes azas e saltitante; a "Morte", pavorosa, toda de branco com uma grande foice, desappareceram tambem. Hoje, o que se vê pelas ruas da cidade, não possue o menor vislumbre de caracteristicos: os "Apaches", os "Clowns", os "Palhaços" e os "Sujos" constituem o grosso do Carnaval. Um ou outro "Dominó" apparece, raro é o "Arlequim" e ainda mais raro é o mascarado espirituoso que sabe dar um trote sem offender, unicamente com os recursos da ironia e da pilheria.

O publico de hoje diverte-se em ver passar os ranchos monotonos, os "cordões" barulhentos e os prestitos das nossas sociedades carnavalescas, que se repetem todos os annos, mais ou menos. Os bailes constituem o maior divertimento para a grande maioria, que dansa quatro noites seguidas, sem pensar nas consequencias!

☆ ☆ ☆

O Dr. Pires de Almeida, em uma interessante chronica sobre o Carnaval no Rio de Janeiro, nos diz que o Carnaval "começou a apparecer com os primeiros bailes á "fantasia", chamados da "quaresma", instituidos pela cantora Delmastro, em 1884; taes bailes eram dados primitivamente no theatro S. Januario, hoje demolido, á praia D. Manoel"

Rio, Fevereiro 1923. *ERCOLE CREMONA.*

O CARNAVAL DENTRO D'AGUA

Melindrosas, bahianas, bailarinas e a multidão que os applaudiu...

O banho de domingo na praia do Flamengo.

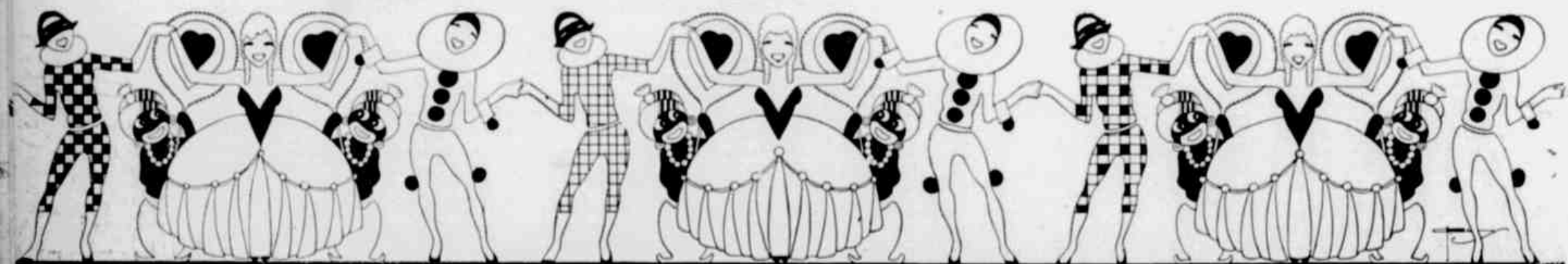
E NO MEIO DE TUDO ISTO:

Não se perde nada em parecer mão; ganha-se quasi tanto como em sel-o. — Machado de Assis.

◇

Não ha obra-prima escripta de mão humor... — Charles Morice.

◇

O homem nada mais é que um insecto sob o céo: mas que elle se respeite, e será bem Deus. Um espasmo da creatura vale toda a natureza. — Jules Laforgue.

BAILES... BAILES... BAILES...

No Hotel Itamaraty, Tijuca.

No Hellenico Football Club.

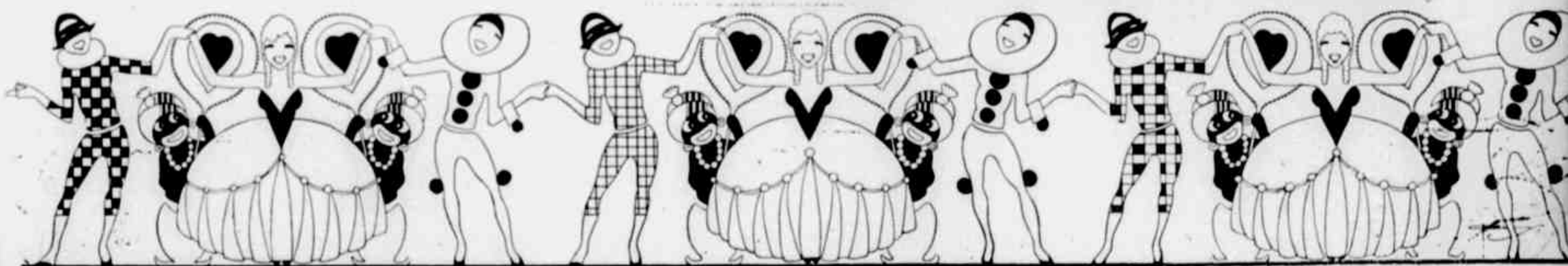
No Palacete Fialho.

Primeiro, a cortezia. A moral, depois. — Oscar Wilde.

◇

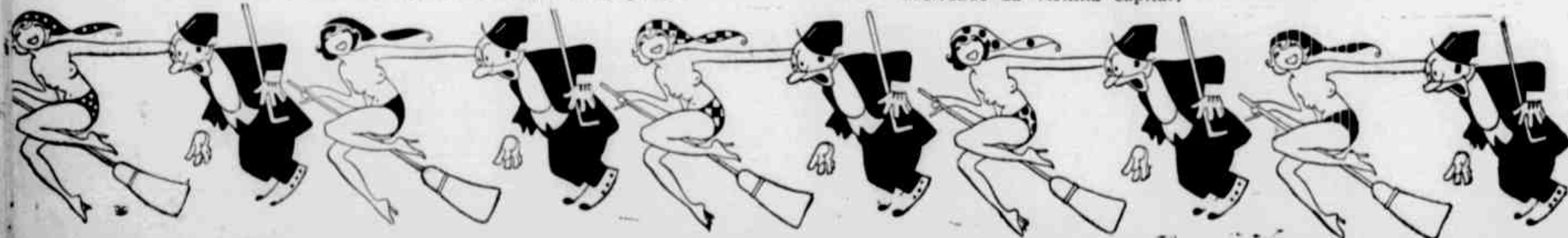
Não sabes o que é o coração do homem. Ha para o homem tal necessidade, tanta alegria na consciencia, quando perdoou verdadeiramente, de todo o coração! E' como uma segunda posse, como uma creação nova. — Ibsen.

◇

Perdi muito tempo e não sei exactamente qual... — Jean Dolent.

O encanto de espirito dos novos, dos que surgem agora, reside justamente na irreverencia para com as cousas já estabelecidas, já acceitas, já banalisadas. Assim, aquellas taes mascaras que ali vês, como na comedia de Olegario Marianno, modificaram a ordem natural das cousas. Pierrot, Colombina e Arlequim são o romance de sempre. Mas Olegario, talvez sem o saber, e talvez por aquelle grande principio de que a Vida imita mais a Arte do que a Arte a Vida, modificou a lenda escrevendo uma comedia em demasiado... E tu te esqueces de que ès meu espectador, minha platéa... E que, assim, te compete applaudir ou patear. Vamos, fala... Dize alguma cousa... Ao menos para provar

que me ouviste... — Eu acho que Pierrot continúa a ser Pierrot e Arlequim o mesmo de sempre... Apenas com uma differença: Colombina não ama a nenhum dos dois. E dá-se a todos os que a vão amam...

que o feliz é justamente Pierrot, e o outro, o que se mortifica, o que soffre, o que acaba em tragedia, é Arlequim... Que admiravel perversão de sentidos! Nada mais bello, mais chic, mais actual do que a elegancia de se inverterem as cousas! Assim, Arlequim é hoje pallido, cheira ether, toma morphina, cultiva em torno dos seus olhos tristes duas grandes olheiras promissoras... O outro, o regenerado, é jovial, ganha na Bolsa, explora commercialmente a mulher, que é bella, expondo-a em vestidos carissimos que estão a assegurar os successos financeiros do marido... Ali estão os tres a viver a sua velha vida de romance, de tragedia... Ali está a Vida a imitar a Arte... Que fizeram de Arlequim! Mas agora reparo que tenho falado

Baile no Club Central, em Nictheroy, que reuniu a alta sociedade da visinha capital.

CARTAS AO SENHOR DIABO

Meu amigo. Bem quizera escrever-te hoje a respeito de certos assumptos que têm feito cocegas na minha penna... Mas... estamos na noite de um estado de sitio, e as noites detestam os clarões... E as criticas e as ironias são claridades que queimam, mas que illuminam...

Prefiro hoje escrever-te a respeito de um assumpto lyrico da nossa terra, da nossa cidade. Guardarei a franqueza das minhas confabulações comtigo para uma época de maior opportunidade.

Por aqui — nada de novo. Somos os mesmos homens de carne, osso e vaidade. E a nossa "naturaleza" é ainda a mesma — opulenta, fulgurante, com escandalos de luz e côr. Conheces a nossa terra? Não? Oh! Deves conhecel-a, ao menos para teres a suave evocação do teu paraiso perdido...

Aqui a natureza é tumulto, delirio, confusão... Tem sempre um aspecto dynamico, allucinante, que contrasta com a morbida impassibilidade do Jeca. E imagino com a mais fina delicia intellectual a indignação, a surpresa que assaltariam um Alaux de Romain si elle, um minuto apenas, contemplasse a paizagem brasileira, com a orchestração wagneriana das suas florestas, o tom barbaro e selvagem das suas montanhas, a luz offuscante do seu firmamento e da sua terra, animada pelo titanismo formidavel do mundo tropical...

Falo muito de proposito em Alaux le Romain, porque este estheta tinha uma concepção da arte tão fria e tão serena, immobilisada pelo vicio das contemplações budhicas, que desejava supprimir os braços dos moinhos de vento, porque elles quebravam as linhas da paizagem...

Quero collocar-te hoje diante de um bello quadro da minha cidade. Quero que ouças os pardaes, gorgeando nas arvores da minha terra. E eu sempre tive prevenção contra estes passarinhos... Os passaros fazem-nos lembrar cousas tão lindas! Os beija-flores lembram-nos jardins encantados e manhãs de crystal; o sabiá — a musica da terra brasileira; o rouxinol — o luar em Portugal; a ave do paraiso... ah! não falo na ave do paraiso, porque respeito muito o mysterio da tua saudade... E os pardaes?... Que nos evocam os pardaes? E eu ficava tristemente contemplando estes miseros passarinhos, que saltitavam no meio das patas dos cavallos, na lama torva das ruas e que aos meus olhos, impressionados com beija-flores e rouxinoes, appareciam como os destruidores da aristocracia poetica dos passaros... Quiz revoltar-me contra estes passarinhos da plebe, estes detestaveis passarinhos da rua...

E cheguei a abençoar os gregos que os mataram em sacrificio dos deuses. Abençoei esta gulodice divina. Porque os pardaes precisavam morrer...

Não podia comprehender como a natureza consentia que as suas glorias fossem perturbadas de maneira tão aggressiva por uns passaros sem nenhuma significação artistica — flor de estrume, passaro dos monturos.

A natureza, que tem tão fortes responsabilidades artisticas, pois fez a rosa e o beija-flor, não podia consentir que o pardal andasse impunemente pela terra e pelo espaço, desacreditando a sua fama de perfeição.

E como nascera o pardal? Seria possivel que a mão divina, que fez o cysne e o pavão, tambem tivesse feito os pardaes? E eu dizia, como Junqueiro:

"Qual seria a razão
Por que Deus fez os melros e os [pardaes?"

Custa-nos muito, meu amigo, acreditar nestas incoherencias do Creador... Acceito com mais facilidade a hypothese de ter havido um minuto de distração durante os Sete Dias.

Neste minuto, certamente, se fizeram os sapos, as moscas, os hyppopotamos, os rhinocerontes, os lagartos e os pardaes... Uma tarde, no Jardim das Tulherias, tive uma verdadeira decepção. Vi os pardaes em bando reunirem-se em torno de um velho, que manhãs inteiras lhes distribuia bolinhas de pão. Era, de facto, um espectaculo interessante ver aquelle homem do povo, coberto com uma nuvem de pardaes, verdadeira aureola de passaros para a sua cabeça de santo.

Mas a minha prevenção com os pardaes attribuiu mais ao interesse do que á intelligencia esta admiravel solicitude para com este pobre velho, cuja paciencia tinha assim alguns visos da santidade de um São Francisco de Assis. E nunca mais eu me esqueci dos pardaes do Jardim das Tulherias... Aqui elles se espalharam de uma maneira surprehendente.

Invadiram os parques, os bosques. Tomaram os jardins de assalto.

Dizia-me ha dias um velho jardineiro:

— Chi! os pardaes! Peste de passarinho mão!

— Então, não são como todos os outros?

— Quá, seu moço. Aquillo é passarinho ruim, ruim... ruim como peste... E' passarinho que não presta p'ra nada. Nem canta, nem é bonito! E, aos depois, seu moço, mataram os beija-flor, tudo, tudo...

Um pouco de philosophia

— Ora, Margarida, a vida é tão curta...

A' bordo do bello transatlantico *Bagé*, do Lloyd Brasileiro, na vespera de sua partida, quando o commandante Sr. Jorge Lyra Azevedo e o immediato, nosso presado collega Candido de Castro, offereceram um chá á imprensa carioca e a distinctas familias do Rio de Janeiro.

— Acabaram com os beija-flores?

— Sim, sinhô. Mataram tudo. Hoje não ha mais beija-flor no Rio. Elles acabaram com tudo. Peste de passarinho máo!

Eis ahi. Além de não terem o menor encanto, ainda se tornaram assassinos, destruidores de uma das bellezas mais perfeitas do mundo, tão perfeita que não poude exceder de alguns millimetros de tamanho, como as esmeraldas...

A affirmação do jardineiro é verdadeira. Os pardaes acabaram com os beija-flores do Rio.

E assim cresceu a minha antipathia pelos pardaes...

Uma tarde, porém, passava eu pelo largo da Carioca, quando fui surprehendido pelo mysterio de uma musica invisivel e extranha.

As arvores — immoveis. Os cantores invisiveis.

E crescia baixinho o pipilar mavioso. Uma lyra ferida em surdina... E surprehendia os ouvidos o cicio de violinos lyricos e tibios, confundido com murmurios de finissimos pipilos e chilros de pifanos e flautins. O borborinho ia e vinha, num rythmo de mystica melodia, de mirificos gemidos de successivos suspiros e zumbidos, emfim, um hymno de passarinhos ao fim do dia!

E, limpida, num zizio de brisas, crescia a harmonia que vinha de cima da ramaria e feria a triste melodia do jardim com finissimos arrepios de violinos...

Depois, sons mais fortes repontaram aqui e acolá. E, por fim, os sons foram se multiplicando. E notas claras, asperas e gorgeadas em trinados altos e afinados, quebraram com estardalhaço a paz vesperal das arvores e se espalharam rapidas e musicaes pelo espaço em surriadas e alacres zaragalhados.

A pardalada cantava! Cantavam os pardaes! E eu pensava que os pardaes não cantassem! E na calma divinal e magica da tarde, reboava a admiravel zoada dos pardaes, como crystaes quebrados e arranhava com bizarras chilreadas a paz encantada e placida da tarde...

Foi no largo da Carioca, meu amigo, ás 5 horas da tarde, que eu me reconciliei com os pardaes...

Adeus. Saudades do velho amigo

AFFONSO DE CARVALHO.

Rio — 20-1-923.

José Carlos e Carlos José, filhos do Sr. Carlos Lebre.

A "DANSA DOS PYRILAMPOS"

Acaba de sahir, numa linda edição de Monteiro Lobato & Comp., a "Dansa dos Pyrilampos", de Oswaldo Orico, poeta novo e moderno, cuja poesia, impregnada toda ella de um grande sentimento de Belleza, culta, actual, humanista, é um ensaio da nova esthetica, a da poesia das cousas quotidianas alliada ao sentimento da felicidade das cousas.

"Para todos...", em numero proximo, dirá todo o bem que merecem a "Dansa dos Pyrilampos" e o seu poeta. Depois do Carnaval, quando as nossas cabeças socegarem...

ADIVINHANDO O FUTURO

Eu tinha voltado da rua, aborrecido e massado com este maldito calor. Puz-me á frescata e enrosquei-me na cama disposto a passar por um leve somno.

Nisto, — como tocado a medo, — retiniu o botão da campainha.

Momentos após vieram-me avisar que ahi estava um senhor alto, magro, de oculos, que precisava falar-me.

— Que massada!...

Levantei-me mal humorado, mudei o pyjama e fui ver qual a prebenda que me estava reservada.

Logo que me viu, o visitante ergueu-se, de sorriso aberto e mão cavalheirosamente estendida.

Ao fital-o, resmunguei p'ra dentro:

— Hum! temos estocada certa.

E com a pulga atraz da orelha, inqueri:

— Em que lhe posso ser util?

Empertigou-se, puxou o collete, arvorou novo sorriso e, com voz polvilhada de assucar, começou a explicar-se:

— Meu caro senhor, o que me traz á presença de V. S. é um destes apuros que só apparecem para nos metter em situação afflictissima.

— Faça favor de pôr os pontos nos i i.

— Appellando para os sentimentos altruiscos que ornam o caracter de V. S....

— Adiante, adiante.

— ...espero que V. S. não recusará o grande obsequio de emprestar-me cem mil réis.

— Só?

— Só, sim, senhor.

— Nada mais?

— Absolutamente, nada mais.

— Não sei si o cavalheiro sabe: para estas transacções, sobreponho condição.

— Justo, justissimo. Tudo quanto V. S. quizer: uma declaração á vista, uma letrinha a praso curto, uma...

— Nada disso. Exijo apenas que escolha á vontade, no diccionario do bom gosto os nomes que mais lhe caiam no gôto, por exemplo: — o de imbecil para baixo ou de gatuno para cima, — e que me applique tudo isso, com coragem e sem receio, **aqui** mesmo, ás claras e nas minhas bochechas.

Recuou aturdido, de cabellos em pé, arregalando com espanto os olhos:

— Eu?! Pois hei de dar qualificativos injuriosos a uma pessoa distincta a quem admiro com consideração e respeito? Nunca, nunca!

— Então, ha de desculpar... Faça de conta que não nos encontramos.

— Ora essa!... V. S. é um original.

— Serei o que quizer, mas si tem escrupulos em pronunciar o que imponho, nada mais temos a tratar.

— Espere, faça favor. Como é do gosto de V. S. e como a necessidade em que me vejo é das mais urgentes... submetto-me.

— Então, sem constrangimento, póde espremer as idéas e pôr, com franqueza, tudo p'ra fóra.

Suspirou, coçou a orelha e mansamente disse:

— Lá vae: — V. S. é um patife... um tratante...

— Mais fogo, mais calor.

— Um bandido...

— Isso! Tempere a phrase com energia, dê-lhe bastante vigor.

— ...peor que salteador de estrada.

— Vae bem, agora acertou, é isso mesmo.

— Não chega? Isto é atróz, é duro de roer. Veja como estou com a vergonha a escaldar-me as faces.

— Está bem, para não perdermos mais tempo, póde parar. Dou-me por satisfeito.

E encarando-o fixo, com calma e tranquilla fleugma, lhe expliquei:

— Isso que acabou de dizer e mais outras amabilidades do mesmo jaez, é o que me diria, quando eu, — de chapéo na mão, — fosse supplicar a volta do que fôra p'ra lá e perdera o rumo de voltar p'ra cá.

— Mas...

— Assim, prefiro ouvir antes e guardar sem arrelias, o que me custou a ganhar e que, com equilibrio, vou tratando de conservar. Ponto final: — estamos de contas justas. Vá com Deus, que eu não sou tolo... e dê lembranças á familia...

JOTA SÓ.

HOMEM DE NEGOCIOS — *O velho — Está bem, está bem. Eu pago o caminhão, mas vocês vão prometter que dessa vez arranjam marido.*
(Desenho de J. Carlos)

POBRE ALMA!...

Ultimos languidos sons de um preludio em tristissima surdina, vibravam nos longes as claridades azues da tarde.

E a transparente limpidez celeste que escurecera em lilaz profundo, pontilhava-se de luzes scintillantes. Do alto, de muito alto!... descia uma infinita caricia mysteriosa á alma da gente... Pela rua perdida nas sombras os lampeões se accendem e illuminam os vultos apressados dos que caminham. A' luz amarella de um fóco electrico surgem uma velha e uma menina... Passam vagarosas. A velha gesticulando, falava de vez em vez. Ao redobrar a violencia dos gestos empurrava a companheira. Iam direito ao coração os soluços abafados da rapariguita chorando. De mistura com a viração nocturna rolaram no ar essas palavras: — "Quando se é moça e bonita como tu, não se passa trabalho. Tola! E' só quereres e terás tudo, joias... vestidos..." A coitadinha, com o rosto occulto na manga da blusa, caminhava chorando baixinho... Distante, ainda se lhe percebia o chôro convulso perdendo-se ao longe... em soluços... na noite! — HERNANI DE IRAJÁ.

Aspectos do banho á gloria de Momo, na praia do Retiro Saudoso

ESPUMA...

I

Eil-a que surge, aerea e fluida, dentro da tarde luminosa, toda de lhama de prata com azas transparentes de phalena...

Beatitude. Fascinação. Vertigem.

Bate-me o coração numa ventura incomprehendida, todo o meu ser se alvoroça numa alleluia extranha, quasi agoniante... e, sem querer, e sem saber porque caminho para Ella, transfigurado de deslumbramento... Ella deslisa pelo solo como uma visão de sonho... Não consigo tocal-a. Apresso os passos — não a alcanço ainda... Redobro de esforço e corro — não a alcanço nunca: está sempre além, mais adeante, como uma sombra! Então corro como um louco, como um desvairado, como quem corre para um abysmo, corro...

Depois: uma curva da estrada... e horizontes desertos... horizontes vasios...

Os banhistas de Nictheroy prestando homenagem a El-Rey Carnaval

A tarde foi descendo pouco a pouco, como uma immensa petala lilaz...

II

Um parque á noite. Um luar de seda e de ballada. Scenario magico, fakirico. Nas ramagens luxuriantes, estremecimentos humanos... Volupia nas frondes, nas aguas, na noite, na alma contemplativa dos que sonham...

Eil-a de novo!...

Desta vez vestida de luar, com os longos cabellos pretos — pretos e soltos — faiscantes de estrellas...

Novo deslumbramento, nova angustia — e outra carreira desvairada por aleas farfalhantes e floridas...

Ella corre como uma sylphide, levemente...

Ha musica á sua passagem.

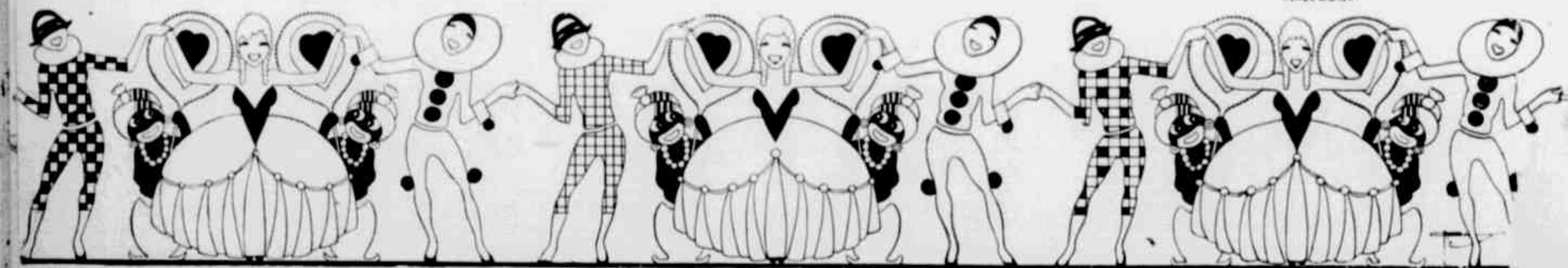
Pára: abre-me os braços á beira do repuxo somnolento. Estendo-lhe os meus, tremulo, silencioso, numa grande commoção inexprimivel. Finalmente... Mas, quando a vou apertar contra o meu coração, num movimento diabolico, imprevisto, rapido, Ella se atira ás aguas do repuxo, desfaz-se nellas, enluarando-as...

III

Mais tarde. Muito mais tarde. Era já uma sombra quasi extincta na minha noite de predestinado... Num banco de jardim lia Tagore, quando ouvi muito perto, um rumor de azas delicado, delicado... Era Ella! Vinha agora vestida de nuvens da hora do entardecer...

Não fiz um gesto, um movimento, nada. Deixei-me ficar ali, a contemplal-a, apenas, o livro do magico indú sobre o banco, esquecido. Como eu não a buscasse, veiu a mim — era bem mulher! Deslisou pelos meus pobres hombros magros o arminho de seus braços constellados de gemmas... beijou-me nos cabellos... nos olhos... na bocca.... de leve, muito de leve... infinitamente de leve... Uma ebriez... uma hypnose... Quanto tempo assim? Com franqueza, não sei. Só sei que não deveria ter-me agoniado, ter corrido tanto, outr'ora.

Era tão aborrecida a Felicidade...

LINCOLN

Na praia de Icarahy — Banho de mar á fantasia — A caminho das ondas

O RETRATO DE NORAT

✣

Para ver Norat Meira Lima na téla magica que lhe fez o laureado R. Deveza, fui ao atelier deste, em São Christovão.

Cheguei, deixei o chapéo e a bengala, e caminhei para o logar do quadro que eu conhecia em esboço.

✣

Ha uma historia muito orginal no olhar das creaturas que nunca viram o horror.

Aquelles olhos grandes, como duas borboletas nocturnas — aquelle olhar que Deveza pregou na téla, era o olhar impressionante que eu conheço, cheio do mysterio que os inquietam, para serenal-os logo, num extase de azas...

E o lacre da bocca?

Ahi, a tinta do pintor ficou envergonhada...

Eu, que conheço o modelo, posso dizer que, pintando os labios, a tinta do pintor perdeu...

✣

— Mas você só está olhando o retrato e não diz nada...

O pintor falou-me ainda que o quadro ia figurar no Salon *do Centenario e eu sahi para a noite silenciosa.*

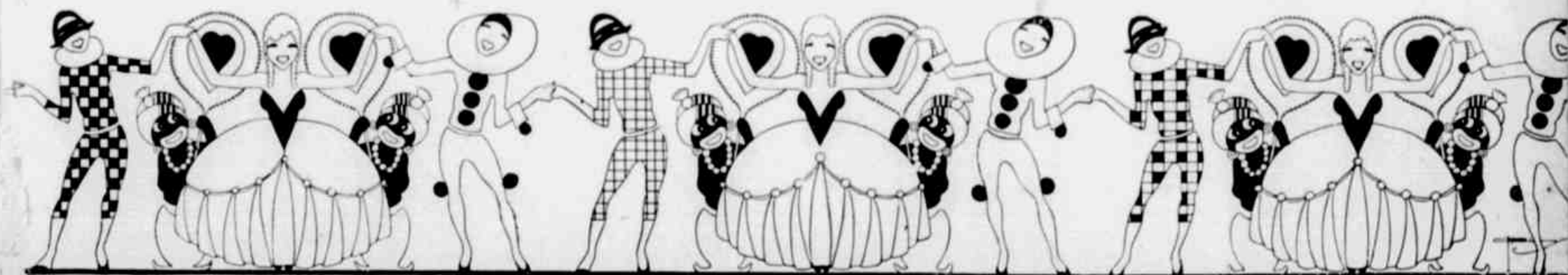
✣

Vim a pé pela rua de São Christovão, com a esperança de um bonde.

Vim pela rua deserta e fria.

De repente, sem querer, olhei o céo.

Do céo, as estrellas olhavam para mim como mulheres curiosas...

Orestes Barbosa

EM "SINGED WINGS", DA PARAMOUNT, PRODUCÇÃO PENRHYN STANLAWS, FIGURAM ALGUNS "ESPIRITOS DOS BOSQUES". —
SCENAS, FOI PRESO POR ESSES "ESPIRITOS", NO STUDIO

STANLAWS, FIGURAM ALGUNS "ESPIRITOS DOS BOSQUES". — THEODORE ROBERTS, INDO VER A FILMAÇÃO DE ALGUMAS SCENAS, FOI PRESO POR ESSES "ESPIRITOS", NO STUDIO

Cinema Para todos...

Chronica

A LOCALISAÇÃO DOS NOSSOS CINEMAS

Houve, e isso foi em tempos, uma verdadeira superstição que lavrava entre os nossos proprietarios de cinemas.

Para elles, cinema que não fosse localisado na grande arteria central, a Avenida Rio Branco, jámais teria a concorrencia do publico da élite, daquelle que desce á cidade ás compras ou a passeio e frequenta os cinemas como vae ás casas de chá, não só para ver, mas ainda para ser visto.

E esse publico chic, *positivamente, jámais deixaria de ir aos cinemas da Avenida, por mais falhos de commodidade que estes fossem, para dar preferencia aos localisados em ruas transversaes, melhor installados embora e com programmações mais fartas e variadas.*

De facto, durante algum tempo isso aconteceu.

Os cinemas da rua da Carioca eram procurados por uma clientella heteroclita e chegaram as más linguas mesmo a classificar por vestuarios ou pendores para certos e determinados films, *como provinda do bairro qual ou do bairro tal. Mas tudo neste mundo evolve.*

E os cinemas da rua da Carioca evolveram tambem. Passaram por fundas, radicaes transformações, convertendo-se as suas dantes exiguas salas em amplos, ventilados, hygienicos salões, providos de mobiliario confortavel, offerecendo á sua clientela, o que sendo commum em outras cidades, aqui entre nós era cousa do outro mundo. Numa só cousa erraram, a nosso ver: no exaggero da programmação. No afan de attrahir a freguezia passaram a fornecer pelo mesmo preço ao publico, dois ou tres dos programmas das casas da Avenida, de sorte que as suas sessões duram duas, tres e mais horas.

Isso é um contrasenso economico.

Não careciam taes casas, providas de tantos melhoramentos, de recorrer a esse artificio para adquirir a clientella, que para ellas naturalmente se encaminharia devido á sua superioridade sobre as congeneres da Avenida.

Serviu esse facto para destruir a supersticiosa tradição, de que cinemas na cidade, só os da Avenida poderiam attrahir o publico.

Quando tocamos no assumpto, como recentemente ainda, da necessidade da remodelação dos nossos cinemas, por indignos já da nossa cidade, do nosso publico e ainda das producções de primeira ordem que frequentemente exhibem, os proprietarios dos salões actuaes allegaram logo a impossibilidade de obter na Avenida uma ou mais casas, que transformadas, fossem emfim os estabelecimentos ideaes por que todos suspiram.

— Seria uma despeza louca! dizem uns.

— Ninguem quer vender seus predios da Avenida, accrescentam outros.

E os dias vão se passando e as cousas permanecendo como sempre...

Ao meio cinematographico adheriu nesses ultimos tempos uma firma que é uma das mais solidas do nosso commercio, a firma Matarazzo.

Adquiriu, ao que dizem os potins do mundo cinematographico, não sómente os films italianos da U. C. I., mas ainda varias marcas americanas de renome, como a Robertson Cole e a Selznick, vantajosamente conhecidas no Brasil.

Lançando-se no mercado como importadora, tem naturalmente de passar pelas mesmas torturas que os outros importadores, que vêm os seus melhores films sacrificados nas saletas da Avenida Rio Branco.

Por que não ha de essa firma, cujas condições financeiras todos conhecem, se quer de facto manter entre os ramos de sua actividade o commercio cinematographico, resolver o problema na parte que lhe interessa, fazendo aqui, á feição do que em S. Paulo se está fazendo, verdadeiros estabelecimentos cinematographicos?

Porventura aquillo que é possivel em S. Paulo, que tem a metade da população carioca, não será possivel no Rio de Janeiro?

E um grande cinema precisará por força ser localisado na Avenida?

Em suas proximidades, nas ruas transversaes não seria porventura mais facil obter o terreno necessario para esse fim?

Acreditamos piamente que a firma Matarazzo em breve terá, para exhibir seus films, de luctar com as mesmas difficuldades que os outros importadores.

E quando tal se der não desanime, como a tantos outros tem acontecido.

Encare o problema de frente e construa logo uma casa em que poderá passar programmas seus, sem necessidade de se sujeitar a imposições de exhibidores gananciosos e retirando de seus films todo o lucro que porventura elles possam dar.

Faça isso e verá que não se arrepende.

OPERADOR.

◇

Antonio Moreno, Bert Lytell, Elaine Hammerstein posarão no film da Selznick *Rupert of Hentzan.*

Edna Goodrich, a artista cinematographica que chegou ao Rio, a semana ultima.

Baby Peggy no film "O Chapelinho Vermelho".

Ha nos Estados Unidos 325 directores de scena conhecidos e 260 scenaristas e editores.

☆ ☆ ☆

Nada menos de quatro mil igrejas dos Estados Unidos usam o cinema como meio de propaganda religiosa.

☆ ☆ ☆

Em 1905 foi que se installou em Constantinopla o primeiro cinema.

☆ ☆ ☆

Nos Estados Unidos ha 450 productores de films.

ELLIOT DEXTER casou-se com Nina Untermeyer. Elle, como se sabe, é divorciado de Marie Doro, e ella, de Alvin Untermeyer, filho de um grande advogado de New York.

☆ ☆ ☆

CECIL B. DE MILE gastou quasi duas toneladas de *confetti* no seu ultimo film, *Adam's rib* (A costella de Adão).

☆ ☆ ☆

Calcula-se que no anno de 1919 foram applicados 700.000.000 dollars em cinemas nos Estados Unidos.

☆ ☆ ☆

One wonderful night, da Vitagraph, é mais um film de *sheiks*. Alice Calhoun é a estrella e Herbert Heyes o seu galã.

☆ ☆ ☆

LOIS WILSON tambem trabalha com Pola Negri em *Bella Donna*.

☆ ☆ ☆

Na California existem sessenta *studios* para a confecção de films.

☆ ☆ ☆

Nos Estados de léste dos Estados Unidos existem 47 *studios*.

☆ ☆ ☆

No Estado de Ontario não são permittidas, nos films, as scenas referentes a suicidios.

☆ ☆ ☆

São em numero de 1.200, nos Estados Unidos, os actores de cinema, mais ou menos conhecidos; 700 artistas e 50 artistas infantis, não contado nesse numero os *extras*.

☆ ☆ ☆

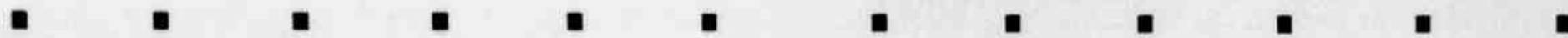
Calcula-se em 15 milhões o numero de pessoas, que diariamente frequentam os cinemas, nos Estados Unidos.

☆ ☆ ☆

O ultimo film de Ellen Richter é *Lola Montez*.

"Strongheart", estrello canino da First National.

Uma entrevista com Clyde Fillmore

(YOY GERALD)

Tenho uma grande quéda pelos homens intelligentes. Por isso mesmo quando fui incumbido de entrevistar Clyde Filmore, que considero um dos rapazes de mais talento como de mais valor artistico no film, o coração se me encheu de prazer, apezar de tudo ignorar dos seus habitos, se era favoravel ou avesso ás entrevistas, emfim essas pequenas cousas, difficuldades insignificantes ás vezes, mas que põem em contribuição toda a nossa agudeza de reporter. Telephonei para a casa delle. Não estava. Attendeu-me um criado ao qual deixei dito que á tarde passaria por lá para conversar com Mr. Filmore.

A' tarde, com effeito, fui ao seu bungalow em que o branco alterna com o vermelho, incerta ainda da maneira por que seria recebida. Bati e appareceu-me logo um grande cão policial que sem duvida desempenha as fucções de porteiro e guarda. Fechei prudentemente a cancella. A gente nunca está certa das disposições desse pessoal canino. Mas á porta surgiu logo uma alta silhueta que me fez entrar logo para uma saleta mobiliada com elegancia. O rosto do artista estava alegre. Isso fez com que eu tomasse animo. Detesto as pessoas carrancudas. Nariz torcido que parece estar sempre descontente com tudo, não vae commigo. Ao passo que as physionomias abertas, as expressões francas põem-me logo á vontade. Assim foi com Clyde Fillmore. A minha visita não parece lhe fôra desagradavel. Abordamos logo o assumpto.

— Eu desejaria que me dissesse, Mr. Clyde, o que foi que o levou a adoptar a carreira que é hoje a sua.

— Ora, disse elle traçando a perna e reclinando o corpo para traz na cadeira, isso são contos largos.

— Não se importe com isso; eu tenho tempo.

Sorriu, cruzando os braços sobre o largo peito de athleta.

— Era uma vez... começou elle, um menino que o pae mandou educar em um collegio de Washington, com a idéa de fazel-o seguir as tradições familiares. O pequeno porém é que não estava pelos autos. No collegio só pensava no theatro que fôra sempre o seu sonho dourado. Do collegio passou-se elle ás Universidades John Hopkins e Oregon, onde se tornou famoso não por sua applicação ao estudo, mas antes pelo desempenho que dava aos papeis que lhe eram distribuidos nas funcções de amadores, que eram frequentes. Em uma viagem á casa paterna, pelas ferias, disse francamente ao pae de suas disposições e preferencias. Apezar da carreira não lhe despertar o menor enthusiasmo, o velho não contrariou a inclinação filial, antes facilitou-lhe a ida a New York para experimentar...

Eis-me na grande metropole a palmilhar as calçadas de Broadway. A sorte foi-me propicia. Graças á minha estatura elevada e ao facto de precisarem justamente em uma peça de um galã bem alto, fui contratado logo. Veja só como as cousas se combinam! Essas minhas grandes pernas que em tantas outras occasiões tem-me sido motivo de incommodo, especialmente nos casos publicos, foram a minha melhor carta de recommendação para a minha estréa no theatro!...

Ahi interveiu o acaso. Um amigo de minha familia propoz-me um negocio de ganhar dinheiro, mas que nada tinha com o theatro. Tratava-se de ir ás Bermudas. Pensei logo nos tropicos, com suas flores perfumadas, suas grandes florestas, seu café, suas redes... Resolvi acceitar e parti uma bella manhã.

Accendeu um cigarro e calou-se vendo as espiraes brancas que ascendiam no ar parado e calmo da saleta. Evocava aquelles tempos em que residira na Ilha perdida entre as vagas azues do intermino oceano.

(*Continúa no fim da revista*).

Figurantes do film da Metro. (Producção Irving Willat) Afther the browl was over.

HOMENS, MULHERES, CASAMENTO

(MAN, WOMAN, MARRIAGE)

Producção First National — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Victoria . . .	Dorothy Phillips
David Courtney	James Kirkwood
Schuyler . . .	Robert Cain
A velha mãe .	Mrs. Margaret Mann
Henschaw . .	J. Barney Sherry
Richard . . .	Gordon Marr
Bobo	Shannon Day
O velho pae .	Ralph Lewis
Jerry	Emil Chichester
Milly	Frank Park

OPINIÕES DA CRITICA

Uma das maiores attracções da téla.
Exhibitor's Herald.

Uma das grandes producções do anno.
Exhibitor's Trade Review.

Muita espectaculosidade e excepcional attracção.
Wid's.

— Insisto em que cedas á minha vontade e te cases com Schuyler. Tenho mais experiencia do que tu e sei que, tomadas em consideração todas as circumstancias, é elle quem melhor te convém para marido.

— E' velho, é um dissipado...

— Tolices ! E' um homem maduro e experimentado. Tu és tola, inexperiente e moça. Precisas de um homem como elle. Além disso, não poderás ficar aqui, eternamente...

— Eu não preciso delle para nada, papae. De quem preciso, sim, é do homem que amo. Preciso da vida natural. Preciso expandir o meu temperamento, e não o conseguirei nunca casando-me com um novo *pae*. Um pae horrivel, visto que não é meu pae !...

— Falas de um modo abominavel, e o que dizes, sobre ser inmodesto, não te fica bem. Isso prova melhor do que tudo que tu não conheces o teu espirito, ou melhor, que se por acaso possues um espirito, é um espirito corrupto e desequilibrado. Casa-te com Schuyler, de contrario te correrão mal as cousas ! Toma bem nota das minhas palavras...

— Supplico-te, papae ! Eu amo David Courtney. Decerto não me has de querer privar... não és capaz disso ! Porventura, quando te casaste, não amavas mamãe ?

— Não é disso que se trata: estás fugindo ao assumpto. De mais a mais Courtney, esse pueril sonhador, esse absurdo fazedor de insensatas generosidades, esse philantropo que não tem nem para comer uma vez por dia !... Decerto, enlouqueceste !

Victoria pensou de si para si que o pae talvez tivesse razão, mas concluiu que se louca já estava agora, mais louca ainda ficaria se desposasse Schuyler.

Depois, áparte o seu amor por David Courtney, mas como parte integrante delle, vinham-lhe á memoria as faiscantes visões que a toda a hora a assaltavam, semi-transes em que ella e David pareciam viver, reviver, sem velhice, através os seculos; sempre amando-se, bem amando-se; sempre élos de triplice cadeia, Homem, Mulher, Casamento. Nesses transes apparecia-lhe o semblante, a fórma delle, inalterada, salvo pelo indumentaria E sempre o mesmo rosto ! A's vezes, eram dôres; ás vezes, contentamentos; ás vezes, era a tragedia a pungil-os oppressivamente, mas era sempre o rosto de David, a mão de David, a voz de David a acariciar-lhe, harmoniosamente os ouvidos, através as gerações...

Nessa noite, depois de se separar de seu pae e de se recolher ao seu quarto, pareceu-lhe remontar ao XIV seculo, e que a estavam forçando a um casamento com um parisiense dissipado, em visita a Londres.

Travava-se um torneio e um cavalleiro de resplendente armadura salvava-a do senil affecto do ancião ! E ella via o velho, ouvia o estalido secco da sua pelle pergaminhosa, sentia sobre o rosto o seu bafo azedo e doentio. Via igualmente o cavalleiro; divisava o relampejar da sua armadura, sentia o bafo ardente que sahia das narinas distendidas do seu cavallo de guerra. Levada nos braços do nobre paladino, para onde havia tranquillidade e amor, sentia ainda contra o seu peito a firme armadura do fidalgo, rebrilhando, no sublime resgate. Depois, elle arrancava o elmo, e á luz do sol tardio, Victoria viu-lhe o rosto. E era o rosto de David, delicado e fino.

Seguiu-se uma multidão de cousas nebulosas, turvas, mas só depois...

Victoria voltou a si repentinamente, e chamou David ao telephone:

— Preciso de ti ! — disse-lhe.—Vem depressa, sim ?

Não aguardou sequer a resposta, tão certa estava de que elle havia de vir.

Quando elle veiu, de facto, Victoria contou-lhe do *ukase* paterno, da pres-

DOROTHY PHILLIPS

são que elle tentára exercer sobre o seu sentimento.

— Por que não pões de lado o teu orgulho, por que não consentes que eu vá para junto de ti? Amo a tua obra, querido: creio nella. Creio na humanidade, no sacrificio, na partilha. Não quero que percas os teus ideaes para me teres: quero que, por me teres, os faças mais bellos. Não quero ser delles excluida: quero nelles commungar, ao contrario, David!...

com as suas pobres mãos doridas e tristes; arrastando-se sobre os seus pobres pés macerados; perdendo, perdendo quasi sempre, mais do que ganhando... Ah, se porventura não viste esses pobres entes, se as mãos delles, terriveis, trementes não se cerraram directamente sobre as tuas... o teu amor por mim não póde ser o mesmo! Não póde, nem poderá, — tu bem o sabes.

Victoria sorriu. Sorriu com a sabedoria das idades. Mais sabia do que o

Depois, aquella vez no reinado de Constantino, em que Constantino era elle e ella a escrava que pelo poder do seu amor o converteu.

sas e tristes. Darei amplamente e sem compensação o meu saber legal...

— Sim, bem sei, bem sei. E por isso ainda mais te amarei: és magnifico, esplendido, sublime!

— Pois então: vem cá.

Victoria levantou-se, e David puxou-a para o seu peito. A longa renuncia dos seus labios fazia-se clara na ancia com que elles se offereciam. Mas, para Victoria, o presente recuava ás éras infinitas. Esta não era

A voz do mancebo fez-se soturna e cava:

— Mas isso implicará desistires de tanta cousa, querida, privares-te de tudo aquillo a que mais estás habituada! Privações de cousas pequenas que afinal, são bem grandes... Depois, tu não tens a visão...

— Tenho o meu amor por ti!

— Não é o mesmo, Victoria. E' preciso ter a visão limpida e clara: a humanidade, a humanidade toda martyrisada, incoherente, apegando-se á treva

homem apaixonado, mais sabia do que o amor. Imperscrutavel, tudo comprehendendo, abraçando tudo.

— E' o mesmo, David, — disse ella.

— Continuarei fazendo o que tenho feito.

— Decerto, querido.

— Recusarei todos aquelles casos que me promettam dinheiro, todos os casos capazes de aplainarem o caminho para mim e para ti. Farei apenas aquillo com que puder contribuir para endireitar essas pequenas vidas sinuo-

a primeira vez, nem seria a ultima, em que ella e esse homem, David, se tinham assim unido, peito a peito e bocca a bocca...

...Bem se lembrava daquella vez, no tempo em que os dois se vestiam de pelles, e através da mattaria espessa, ella lhe déra caça para o impedir de visitar a mulher infiel da outra tribu, e lograra finalmente, trazel-o comsigo. Depois, aquella vez, no reinado de Constantino, em que Con-

(*Termina no fim da revista*)

Martyrio de um mergulhador

(DEEP WATERS) — *Film Paramount* — *Producção de 1920*

DISTRIBUIÇÃO

Caleb West . . .	RUDOLPH (BROERKE) CHRISTIANS
Betty West	BARBARA BEDFORD
Kate Leroy	Florence Deshon
Bill Lacey	John Gilbert
Morgan Leroy . .	Jack Mac Donald
Henry Sanford . .	Harry Woodward
Capt. Joe Bell . .	George Nichols
Tia Bell	Lydia Y. Titus
Barzella Bustard . .	Marie Van Tassel
Vixlei, arpoador . .	James Gibson
Zuby Higgins . . .	Ruth Wing
Seth Nungate . . .	A. Edgar Stockwell
Professor Page . .	Charles Muldsfield
Sua sobrinha . . .	Sigrid Mac Donald

OPINIÕES DA CRITICA

Typos bem traçados e scenas dramaticas em que ha temporaes, naufragios e lutas.

Moving Picture World

Entretem bastante.

Exhibitor's Trade Review

Dois romances que se desenvolvem parallelamente bem representados por artistas escolhidos.

Scenas movimentadas e outros matadores interessantes tornam esse film attrahente.

Exhibitor's Herald

O luxuoso apartamento de Henry Sanford dava idéa das condições de fortuna do seu dono. Mas Sanford não era apenas rico, senão tambem philantropo.

O ultimo impulso do seu coração generoso voltava-se para a construcção de um pharol em Shark Ledge, perigosos arrecifes nas costas da Nova Inglaterra.

— Meu pensamento é salvar a vida dos marujos. Centenas de navios hão naufragado em Shark Ledge e milhares de homens do mar têm perecido ali, e a unica maneira de evitar taes desgraças é a erecção de um pharol naquelle ponto — dizia Sanford aos seus amigos, professor Page e Morgan Leroy e á esposa deste, aos quaes elle convidara para cogitarem do assumpto.

Page elogiou calorosamente a idéa e a Sra. Kate Leroy declarou, lançando-lhe um olhar significativo, que se elle fornecesse os recursos financeiros para semelhante obra, podia se considerar um dos maiores bemfeitores da humanidade.

Morgan Leroy notava os excessivos applausos de sua esposa, que evidentemente estava dominada por violento capricho por Sanford. E o ciume de Leroy, que como a fantasia de sua mulher, não se occultava, traduziu-se numa phrase mal humorada:

— Sua idéa não é má, disse elle, mas não percebo bem a razão porque nos chamaste aqui, a menos que não fosse para ouvir os elogios de minha mulher.

Um silencio de morte seguiu-se ao insulto intempestivo. Sanford, a custo, se dominava e a mulher de Leroy traduzia o seu desapontamento numa expressão de repulsa pelo marido. Este, riu alto e satisfeito, como se houvesse desmanchado um prazer de um inimigo. Sanford, afinal, observou com dignidade e correcção que não via razão para acreditarem que elle procurava elogios. Percebia que Leroy tinha prevenções contra elle e desejaria ver o equivoco esclarecido.

— Só um cego não perceberia tuas attenções para com a minha esposa, retrucou Leroy. Não é isso bastante para offender a dignidade de um marido?

— Mentes! — exclamou Sanford, levantando-se. Leroy empallideceu, recuando sua cadeira. E aquella sala elegante teria se transformado num *ring* de box vulgar, se algumas pancadas e um telegramma não viessem pôr termo á situação que se tornára penosa para todos.

Registrou-se uma grande excitação em Keypost, pequena aldeia de pescadores, quando se recebeu ali a noticia de que Sanford ia construir um pharol em Shark Ledge, ali ao pé da povoação. Na casa de Joe Bell, que era o *rendez-vous* de toda gente do logar, os commentarios ferveram, principalmente no dia em que Sanford deveria chegar para determinar o local da construcção. Aos hospedes do capitão Bell vieram reunir-se tambem Caleb West e sua mulher Betty, que foram saudados alegremente por todos. Caleb era um homem de meia idade, desses typos de maneiras rudes, mas grande coração; mas Betty, joven e linda, era um espirito frivolo, verdadeiro contraste com o seu marido. Ao vel-a, os olhos de Bill Lacey brilharam de concupiscencia. A mulher do amigo exercia uma grande attracção sobre elle, e Lacey não perdia vasa de tentar desencaminhal-a. Ao cumprimentar Bell, Caleb disse-lhe que recebera uma carta

Quando Caleb estava presente...

de Sanford, pedindo-lhe os seus serviços de mergulhador.

— Não podia ter confiado o trabalho a melhores mãos, declarou o capitão. E ambos parolaram sobre os grandes beneficios da scentelha de luz que estava para brilhar naquellas paragens temerosas e que em noites de tempestades muitas desgraças evitaria. Pouco depois vinham annunciar a chegada de Sanford, que reclamava os homens para irem aos arrecifes. Caleb disse a mulher que o esperasse ali, pois só os homens iam. Beijou-a e partiu. Lacey, porém, deixára-se ficar atraz e, vendo-se só, correu para Betty, tomando-lhe as mãos e fazendo-lhe mais uma das muitas declarações de amor com que assediava a rapariga, sempre que lhe sobrava ensejo. No mais animado da festa, justamente quando insistia para que Betty abandonasse o marido e se fosse com elle, Lacey ouviu seu nome articulado por uma voz rispida, que mais parecia um rugido abafado: "Bill Lacey!" Era o capitão Bell, que não podendo sopitar sua revolta, avançou para Lacey, emquanto este recuava num gesto de extrema covardia, e agarrou-o pela golla, exclamando:

— E tu pretendes ser amigo de Caleb! Serpente venenosa! Caleb matava-te, se eu lhe falasse do teu procedimento.

E sacudindo-o com violencia, atirou-o pela porta fóra, intimando-o a não mais pôr os pés em sua casa. Em seguida, dirigindo-se a Betty, tomou-lhe as mãos carinhosamente e falou-lhe com brandura. Que ella não tivesse receio, elle nada diria ao seu marido. Ella era uma tolinha, a quem Lacey procurava desencaminhar, pintando-a como fina de mais para Caleb. Mas Caleb era um caracter de ouro, desses que Deus raramente cria, como ella teria occasião de verificar, se algum dia uma hora de adversidade a ameaçasse. A rapariga verteu algumas lagrimas de arrependimento momentaneo, que satisfizeram ao velho capitão, e este sahiu a reunir-se aos companheiros.

Quando elle se chegou ao grupo, Sanford dizia a Caleb: — As verificações já foram feitas. Uma boia marca o logar onde serão lançados os alicerces. A profundidade é ali de 50 pés e o fundo é de rocha e areia.

Betty West e Bill Lacey.

Caleb já mergulhara nas proximidades dos arrecifes, salvando navios cargueiros naufragados, e conhecia todas as correntes, informava o mergulhador a Sanford.

— E's portanto, o homem indicado para a tarefa, replicou Sanford. E os auxiliares?

Caleb West apontou Joe Bell e em segundo logar Bill Lacey, o mais competente para dirigir as manobras das bombas de ar e cabo de signaes de segurança.

Foi então decidido que elle fizesse uma descida immediata. Caleb vestiu a sua roupa de escaphandrista e quando descia a escada do fluctuante, ainda de capacete na mão, o capitão Bell, fel-o parar: — Olha quem está ali na praia, exclamou elle apontando; é tua mulher que acena, desejando-te um feliz mergulho.

Caleb sorriu satisfeito. "Deus a abençõe, disse elle. Ella nunca se esquece de me dar coragem quando vou descer ao fundo do mar. Assim fazem as boas mulheres". E pouco depois, com o capacete apertado, Caleb West descia os ultimos degráos; a agua borbulhava á superficie e o escaphandro desapparecia no seio profundo e mysterioso do mar. Quando elle voltou á tona trazia informações completas sobre a formação dos arrecifes e Sanford determinou as providencias para o proseguimento do trabalho, regressando em seguida todos á terra.

A partir daquelle dia, Keyport tornou-se um centro de intensa actividade. A todo momento chegavam navios carregados de materiaes para a construcção e os obreiros desdobravam-se azafamados por darem conta da sua tarefa. Caleb dava conta cabal da arriscada e difficil missão, descendo frequentemente ao fundo d'agua para dispôr os pesados blocos de pedra que ali eram atirados, e Bill Lacey se incumbia das bombas de ar do escaphandro.

E muitas vezes, nos momentos em que manobrava as bombas de ar, Lacey tinha pensamentos singulares. Não lhe estaria perto o caminho da ventura se Caleb morresse? Apenas um gesto de nada, as bombas deixariam de funccionar e... crac... Bety seria sua. E deixando-se narcotizar certo momento por esses máos pensamentos, Lacey, por tal fórma se abstraiu que não percebeu os movimentos do guindaste que descarregava os enormes blocos de pedra da chata para o mar. Um destes blocos escapuliu do gancho, cahiu sobre a bomba de ar, fazendo estourar com fragor medonho, colhendo ao mesmo tempo Lacey, que teve uma perna esmagada e preza pela lage de pedra. Ao fragor do estampido os outros trabalhadores accorreram, accudindo uns a Lacey e precipitando-se outros para puxarem o escanphandrista, si ainda era tempo de salval-o. Lacey foi transportado pa-

Sanford cortejava-a com assiduidade.

(*Termina no fim da revista*)

ESCRAVA DA VAIDADE

(A SLAVE OF VANITY)

Film Robertson Cole — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Iris Bellamy . . .	Pauline Frederick
Lawrence Trenwith	Nigel Barrie
Fred. Maldonado .	Willard Louis
Fanny Sullivan . .	Maude Louis
Aurea Wyse . . .	Daisy Robinson
Croker Harrington	Arthur Hoyt
Miss Pinsent . . .	Ruth Handford
Arthur Kane . . .	Howard Gaye

OPINIÕES DA CRITICA

Boa producção com excellentes artistas a ajudar a emocional Pauline Frederick. Extrahida da conhecida peça de Arthur Pinero.

Moving Pictures World.

Grande film excellentemente interpretado.

Motion Picture News.

Excellente attracção de bilheteria.

Exhibitor's Trade Review.

Lawrence inclinou-se sobre ella e diante da alvura...

—Você não se poderia casar com um homem pobre, com as suas idéas sobre o dinheiro. O luxo é para você, cara Iris, a unica razão da vida.

E Arthur Kane fitava com attenção o lindo rosto de Iris Bellamy, prompto a interromper suas observações, si notasse signaes de susceptibilidade offendida na sua interlocutora.

— Parece-me que tem razão, suspirou ella, pousando o olhar involuntariamente numa photographia que se via sobre a sua secretária. Arthur Kane, na qualidade de testamenteiro do fallecido Bellamy, sentia-se como que na obrigação de exercer uma especie de vigilancia sobre a joven viuva. Em varios salões e *boudoirs* ouvira cousas a respeito della e de um elegante advogado, e julgara do seu dever sondar a verdade de taes insinuações, e dizer-lhe com franqueza o perigo que ella corria.

— E' Lawrence Trenwith ? perguntou elle apanhando a photographia de sobre a mesa e examinando-a demoradamente. — Sim, é. Ah ! bello rapaz ! Iris, permitta-me um conselho que nada tem de profissional. Para uma mulher na sua situação, joven, bella e sujeita, como você está, a certas restricções testamentarias do seu fallecido marido, todo cuidado é pouco. Você tem se mostrado muito em companhia de Trenwith e isso já está dando que falar. Todo mundo sabe que elle é pobre e que você perderá o direito á sua fortuna si se casar com elle. Não lhe parece que a situação poderá degenerar em escandalo ?

— Já começam, então, a falar? perguntou ella agastada. Não me póde você dizer, Arthur, qual a razão de taes disposições testamentarias como as de meu marido ?

— Antes de mais servem para proteger as viuvas contra os caçadores de dotes. Conhecendo quão inteiramente sua felicidade depende do conforto material, seu marido não teve outro intuito senão defendel-a.

—Entretanto essa intenção póde ás vezes ter effeitos humilhantes, crueis !

— Receio ter-me tornado desagradavel, disse Kane arrependido. Esqueça minhas impertinencias, continuou. Ahi estão os seus convidados que chegam.

No correr da noite, Kane continuou a observar Iris, acabando por concordar com a opinião de Fanny Sullivan, amiga intima de Iris, que achava ser uma verdadeira felicidade para a joven viuva a sua partida no dia seguinte para a Suissa. Era evidente para ambos que Iris estava cahida de amores por Trenwith. Um outro que tambem observava a intriga affectiva de Iris, porém com olhos de mal disfarçado ciume, era Fred. Maldonado, a quem Iris já havia recusado casamento duas vezes. Mas o financeiro depois de uma longa ausencia voltara á carga com impeto redobrado. Foi por isso que elle lhe segredou quando se levantavam da mesa:

— Desejo lhe falar a sós, Iris. Deixarei que todos se retirem e ficarei.

Em outra occasião ella teria recusado, mas naquella noite tinha medo de confiar em si mesma. Lawrence lhe contára que seu tio lhe havia dado 500

Você não se poderia casar...

libras, afim de que elle fosse para a Colombia britannica explorar a creação de gado. Iris não ousava pensar no vacuo que essa partida lhe abriria na vida; entretanto, como lhe fazia ver Kane, ella não podia perder sua fortuna, privar-se do luxo indispensavel ao seu temperamento. O pedido de Maldonado viera como uma suggestão do céo. O que elle meditava era claro e ella acceitaria. Assim ella se protegeria contra si mesma, contra a tentação do irremediavel a que a arrastava seu coração ferido. Na confusão da partida dos convidados, porem, Lawrence manobrou de maneira a tel-a um instante só e supplicou-lhe:

— Tu permittes que eu volte daqui a pouco? Ficarei alguns momentos apenas. E' a minha ultima noite, a ultima vez que te verei talvez.

E como percebesse nos labios da amada uma negativa, o rapaz murmurou:

— Oh! não, não me recuses!

— Então daqui a uma hora, segredou ella. Bate á janella. Espero-te nesta sala. Feliz com o consentimento, Trenwith despediu-se contente della, estendendo tambem cordialmente a mão a Fred. Maldonado, que até aquelle momento lhe inspirara certo despeito. Este, porém, limitou-se a dizer-lhe "boa noite", fingindo não ver a mão que o outro lhe estendia.

Conforme previra Iris, Maldonado repetiu pela terceira vez o seu pedido de casamento, a que ella deu o seu assentimento. Pouco depois, no emtanto, se arrependia, tomada de repulsa ante a brutalidade de Maldonado, que, temperamento impetuoso, manifestára os ardores longo tempo reprimidos, elaçando-a nos braços e esmagando-lhe um beijo nos labios. Iris repelliu a inconveniencia, fugindo á lubricidade do Jupiter barbado, e elle balbuciou uma desculpa:

Maldonado, furioso, com as barbas em desalinho.

— Perdoa-me, minha querida. Trago ha tanto meus sentimentos recalcados que...

— Sinto-me muito fatigada, interrompeu ella com voz sumida.

— Oh! naturalmente, eu sou um estupido... fui bruto, selvagem... Mas deixa-me reparar minha falta, disse elle pegando-lhe as mãos.

Iris, porém, esquivou-se:

— Não, já é muito tarde, disse ella dirigindo os olhos para a relogio.

— Um milhão de desculpas, Iris, por tel-a retido.

— Sim, Maldo, boa noite.

Maldonado partiu.

Vendo-se sósinha, Iris deixou-se cahir entre as almofadas do canapé, mergulhando o rosto nas mãosinhas cobertas de joias. A vida se lhe ia tornando dura e cruel. Como era differente da existencia de outr'ora — larga estrada semeada de rosas, sem nenhum desses problemas de coração que agora a deixavam perplexa e dolorida. Não lhe trazia consolo algum a perspectiva de futura esposa de um dos homens mais ricos da Europa. Oh! como ella o odiava, como sentia o horror daquelles olhos negros, daquellas barbas, daquella corpulencia, tão em contraste com a esbelta mocidade, o nobre perfil e as pupillas azues de Lawrence...

Nesse momento um criado veiu apagar as luzes. Iris disse-lhe que deixasse accesa a lampada do *abat-jour* e que podiam ir dormir. A sala ficou immersa em profundo silencio e cheia da impaciencia de Iris pelas pancadas na janella, que lhe annunciariam a presença de Lawrence. Nesse momento, em vez de pancadas, ella viu a janella abrir-se de vagarzinho e o rapaz saltar, cautelosamente, sem rumor.

— Como pudeste entrar? perguntou ella com voz abafada.

— Creio que o criado esqueceu de fechal-a. Tive a idéa de experimentar antes de bater.

— Eu não devia ter permittido que você voltasse, Lawrence.

— Oh! não te arrependas, querida. Era preciso que eu te visse uma vez ainda a sós. Quero levar tua imagem commigo para o Canadá. Iris, quero como adeus um beijo teu. Oh! não occultes o rosto. Estás muito zangada, meu amor?

E Lawrence ajoelhou-se a seus pés, afastando-lhe brandamente as mãos do rosto.

— Lawrence, devo confessar-te uma cousa: prometti casar-me com Maldonado, murmurou ella com desespero.

— Que?! Não com Maldonado, não

(*Termina no fim da revista*)

Está tudo acado hoje mesmo.

Edna Goodrick, a linda artista cinematographica que se acha entre nós ha dias.

RICHARD ORDINSKY, a quem se deve a descoberta de Pola Negri, quando director do Imperial Theatro de Varsovia, é hoje um dos directores de scena da Paramount.

☆ ☆ ☆

JOHN BOWARS salvou recentemente a vida de Blanche Swert, precipitada pela ruptura de um cabo em Kettle Falls, na Colombia Britannica, ao filmar *Quincy Adams Sawyer*.

☆ ☆ ☆

GRETCHEN HARTMAN (Mrs. Alan Hale), retirada ha tempos do cinema em virtude de haver presenteado o marido com um robusto herdeiro, volverá agora ao trabalho, em films da Fox.

☆ ☆ ☆

Operadores cinematographicos raras vezes têm penetrado no jardim do Vaticano, e mais raros ainda têm conseguido cinematographar os papas e sua côrte.

Havia na côrte papal uma certa prevenção com a classe dos operadores de cinema.

Leão XIII foi uma vez cinematographado abençoando os fieis reunidos na praça de S. Pedro.

Bento XV deixou-se cinematographar rodeado pelos cavalleiros de Colombo.

Agora Pio XI deixou que se cinematographasse toda a cidade do Vaticano, prestando-se elle mesmo com a melhor vontade a posar.

☆ ☆ ☆

Em *Mr. Van Cortland*, trabalha com Alice Brady, Gertrude Astor. Depois de concluido esse film, Gertrude deve partir para a America do Sul, onde passará, viajando por diversos paizes, uns 8 mezes mais ou menos.

☆ ☆ ☆

Em *Brass Commandments*, trabalham com William Farnum, Wanda Hawley, Tom Santschin, Claire Adams e Charles LeMoyne.

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

Estes ultimos dias têm sido de intenso movimento na Exposição. Domingo, a festa do batuque e a passeata dos Tenentes do Diabo divertiram a multidão que se agglomerava no recinto do grande certamen, attrahida pela mostra de fructas e de flores nacionaes.

Das 4 horas da tarde ás 7 horas, o Palacio das Festas regorgitava de visitantes, que iam, não só admirar os bellos mostruarios dos diversos Estados expositores, como tambem adquirir fructas que já se achavam á venda, no recinto.

Tem continuado enorme a frequencia áquelle Palacio, onde se installou finalmente o mostruario do Estado da Bahia.

A Bahia, cujo comparecimento, á ultima hora, traduz um louvavel esforço, apresenta, entre outras, as seguintes fructas: mangas, laranjas, melancias, cidras, mamões, tangerinas, bananas, côcos, etc. E' um mostruario variado que contêm alguns especimens bem apreciaveis, principalmente pelo tamanho.

As nossas photographias mostram alguns automoveis do corso dos denodados *baetas*, e o grupo das bahianas que enthusiasmaram o publico, cantando e dansando. As novidades succedem-se na Exposição, e os visitantes continuam a chegar dos Estados e do Estrangeiro.

BETTY COMPSON

(BOBBY SEMON)

HA uns 22 annos que Betty Compson, a mais bella artista de cinema, na minha opinião, viu a luz do dia na terra dos Mormons, em Salt Lake City. Seus paes, desde ella pequenina, notando as suas tendencias para cousas de arte, dirigiram a sua educação para a musica, fazendo-lhe ensinar o violino. Aos 15 annos, concluindo o seu brilhantissimo curso escolar, preparava-se Betty para ir completar sua educação em um dos grandes estabelecimentos de instrucção facultados ás moças nos Estados Unidos, quando a sorte privou-a dos carinhos paternos. Por essa época pois, a joven e formosa filha do Utah começou a lutar pela vida. Empregou-se como violinista na orchestra do Mission Theater. E assim começou ella a sua vida theatral. Da orchestra passou para o palco, executando sólos em espectaculos de variedades e assim começou a percorrer varios theatros dos Estados Unidos em excursões frequentes. Um dia chegou a Los Angeles...

— Foi representando em um theatro dessa cidade, dizia-nos Betty, que recebi uma carta de Mr. Christie, que me convidava a ir vel-o em Universal City, que essa viagem podia ser-me de utilidade. Fui. Mr. Christie confessou que me achava em excellentes disposições para o cinema. Mostrou-me as installações do *studio*, explicando-me os methodos de trabalho. A idéa de ser estrella de cinema começou a tentar-me. Mr. Christie, como bom director, experimentou-me, pedindo-me que désse á minha physionomia as expressões caracteristicas mais variadas, de odio, affecto, alegria, tristeza, prazer, pezar, cansaço, abatimento, uma gamma infinita de sensações. Não sei, mas parece que fui feliz, pois que sahi do *studio* com um bom contracto por varios annos, á razão de cincoenta dollars por semana. Foi por essa maneira que entrei para o cinema e tomei parte nesse correr do tempo em nada mais, nada menos, de 78 comedias Christie. A Carlito devo os primeiros applausos que obtive por meu trabalho artistico. Elle animou-me sempre a continuar, a perseverar no film, que nessa vida o triumpho surge quando a gente menos espera. Passei-me depois para a Pathé N. Y. a fazer series: *A casa do lobo* e *O terror das montanhas;* trabalhei com Monroe Salisbury em um film da Universal, *A luz da victoria;* George Loane Tucker convidou-me então a interpretar a heroina do *Homem Miraculoso.* Elle andava em busca da artista que sonhara para essa producção. Corria os *studios* de Hollywood, Los Angeles, Santa Barbara, Long Beach infructuosamente. Um dia pediu a um emprezario que lhe mostrasse a sua collecção de retratos de artistas. Foi quando me viu pela primeira vez, em photographia, fixou immediatamente a sua escolha. "E' a minha interprete ideal!" exclamou. E partiu a procurar-me. Eu não estava em casa quando elle foi. Ao volver do trabalho, minha mãe communicou-me a visita do grande e mallogrado director. Fiquei commovida. Seria a occasião emfim? Fui a "Los Angeles Athletic Club", onde elle me fixava encontro. Conversamos. Elle falou de tudo: musica, flores, dansa, literatura, menos de film. Eu já estava intrigada, sem perceber que elle queria avaliar do meu preparo e da minha intelligencia. Por fim communicou-me a escolha feita. Seria eu a interprete do seu grande film. Imagine a minha alegria!"

LILA LEE

Betty trabalhou ainda em *Ladies must live* com George Loane Tucker. Embriagada com o estupendo exito, decidiu formar companhia propria, fracassada logo no inicio. Foi para a Goldwyn e volveu de novo á Paramount, na qual se conserva ainda. Seu director hoje é Penrhyn Stanlaws, que por suas qualidades artisticas está destinado a ser um dos primeiros directores de scena norte-americana.

Eis, em rapidos traços, a resenha da vida da linda artista, que no *Homem Miraculoso*, interpretou um dos melhores papeis até aqui vistos em film.

☆ ☆ ☆

Em *The famous Mrs. Fair*, da Metro, uma das quatro producções de Fred. Niblo, trabalham Harry Myers, Blanche Bates, Myrtle Stedman, Huntley Gordon, Margueritte de La Motte, Cullen Landis, Ward Crane e Carmel Myers.

☆ ☆ ☆

O pae de Conrad Nagel é o Dr. Frank Nagel, conhecido e apreciado compositor musical.

A vida domestica de Jack Holt

Por JOSEPHINE G. DOTY

Emquanto o publico em geral faz de Jack Holt uma idéa muito falsa, de um idolo muito popular, capaz de conquistar uma *corbeille* de corações do bello sexo, os residentes de Hollywood sabem que elle é um excellente e feliz pae de familia, o progenitor de tres lindas crianças. Não raro Holt sáe a passeio pelas ruas de Hollywood, acompanhado de um ou de todos os seus filhos. E "papae Holt" é tão carinhoso, tão indispensavel a elles e por isso mesmo mais conhecido delles do

O exercicio de equitação.

Jack Holt e um de seus filhinhos

Os cuidados hygienicos.

que o Jack Holt, o idolo dos frequentadores de cinema. E si o mundo e Hollywood pudessem discutir juntos a personalidade de Jack, talvez não descobrissem que os dois ideaes oppostos estão encarnados na mesma pessoa.

Uma vez que os hollywoodenses estão em minoria, vamos tomar o ponto de vista delles. Para elles, Jack Holt é o typo mais perfeito do homem de familia, o marido exemplar e pae carinhoso. Elle vive numa casa muito confortavel, na parte residencial de Hollywood e sem as pretenções architectonicas de muitas outras. Quando não está no *studio* Lasky, trabalhando em suas fitas, estará por certo em casa, como é sempre o seu costume. Muitos artistas têm a paixão pela pesca, pela caça ou então pelo tourismo. Jack Holt, entretanto, se vangloria de seu maior divertimento, o seu maior prazer: passar todas as horas vagas em casa, junto de sua familia. Não se enganem, comtudo. Jack Holt gosta muito de andar a cavallo e este grande artista da vida ao ar livre, foi criado entre os que lidavam com cavallos. Porém a sua familia sempre tem o primeiro logar em seu coração. Elle começou a dar as ultimas lições de montaria ao seu filho mais velho, um menino de seis annos apenas, e o menino vae fazendo tão grandes progressos que Jack Holt já vê a necessidade de se apurar na arte de montar a cavallo, si quizer conservar o brazão de eximio cavalleiro da familia Holt.

A avó destas tres creanças se orgulha tanto dos netos como de seu filho, o grande astro da téla. A Sra. Charles J. Holt frequentemente visita o filho e netos, porém apenas recentemente

UMA ENTREVISTA COM CLYDE FILLMORE

(*Fim*)

— Corrêram annos e eu me estiolava em um serviço que não era aquelle que eu sonhára. Veiu a guerra por fim arrancar-me aos negocios. Volvi a New York e obtive com Harris & Cohan um contracto. Ahi tem como entrei de facto para o theatro.

— E como se passou para o cinema?

— Foi a pedido de Rupert Julian, que é muito meu amigo. Offereceu-me uma parte em seu film *Fire Flingers*. Para comprazel-o acceitei. Esse negocio de cinema é uma cousa exquisita, póde acreditar. A gente entra para elle em displicencia, sem confiança ás vezes, começa a tomar interesse, apaixona-se e por fim não póde fazer outra cousa. Foi o que me aconteceu. Concluindo aquelle film, obtive um contracto com a Universal e eis-me no trabalho.

— Lembra-se de alguns personagens que haja interpretado com mais gosto?

— Lembro-me bem. Um dos melhores para mim foi o que desempenhei no film de Von Stroheim, *Machiavelismo*. Banquei o tolo e creio que o fiz de sorte a toda gente ficar com pena de mim, que no desfecho ficava a chuchar no dedo...

— Prefere o cinema ao theatro?

— Quer que lhe fale com franqueza? Creio que o trabalho conjunto no cine e no theatro só póde concorrer para o melhoramento da interpretação em ambos. Isso me tem demonstrado a experiencia. Muita cousa ensina o palco que aproveita á téla e vice-versa.

— E que sensação experimenta diante da camara photographica?

— A de que estou em um terreno desconhecido a explorar desconhecidos thesouros.

— Gosta dos *sports*?

— Muito. O *tennis* é o meu encanto.

Clyde é um excellente pianista e compõe com facilidade. Varias de suas canções têm tido grande exito. Sempre de bom humor, amigo de seu amigo, dotado de vivacissima intelligencia, culto, delicado, amavel, suas qualidades artisticas asseguram-lhe um risonho futuro. Foi o que eu vim pensando commigo, ao deixar o risonho *bungalow* em que elle reside, todo branco, cortado de longe em longe por faixas rubras de tijollos requeimados.

A CARREIRA CINEMATOGRAPHICA DE ALICE TERRY

(*Fim*)

aos mil e um meios com que uma artista póde ganhar a fama de estrella. Alice ganhou a fama que tem por sua simplicidade, por sua naturalidade em ser apenas, e sem pretenções, uma moça de actividade, jovial, vendendo saude como são todas as estudantes de gymnasio. Sem duvida alguma, Alice Terry gosta dos ricos vestidos e do luxo, porém, quem é que não gosta? A sua mãe lhe tem sido sempre guia. Alice Terry tem uma verdadeira paixão pelos bons vestidos e sabe como usal-os, como desenhal-os e tambem onde os comprar.

Concursos cinematographicos do *PARA TODOS...*

Grande concurso de 1922

Como nos annos anteriores resolvemos abrir um concurso cinematographico indagando de nossos leitores suas preferencias sobre os artistas, films e marcas no decurso do anno de 1922. Para esse fim publicamos abaixo um "coupon" que destacado e preenchidos os claros nos deve ser devolvido até o dia 31 de Março futuro.

1º—QUAL A ARTISTA QUE MAIS LHE ENCHEU AS MEDIDAS EM 1922?

2º—QUAL O ACTOR QUE MAIS LHE AGRADOU EM 1922 ?

3º—QUAL O MELHOR FILM DE 1922?

4º—QUAL A MARCA QUE MELHORES FILMS APRESENTOU EM 1922 ?

Iremos publicando a votação á proporção que recebermos os votos.

Concurso do PARA TODOS

— 1922 —

1º—*Qual a artista que mais lhe encheu as medidas em 1922 ?*

....

2º—*Qual o actor que mais lhe agradou em* 1922 ?

....

3º—*Qual o melhor film de* 1922 ?

....

4º—*Qual a marca que melhores films apresentou em* 1922 ?

....

Data .... (*Assignatura*)

....

Cidade .... *Estado* ....

HOMENS, MULHERES, CASAMENTO

(*Fim*)

stantino era elle e ella a escrava christã que pelo poder do seu amor, o converteu. Aquella outra vez ainda, no XIV seculo, quando, o cavalleiro soberbo na sua armadura... Finalmente, a vez de agora...

Depois, fôra o advento do pequenino, como um milagre para Victoria, como um sacramento divino e sagrado para David. Então ainda mais elle se fizera seu, seu por todos os tempos, eternamente. E com o novo milagre, os milagres das outras vezes de novo se lhe fizeram presentes; outras éras em que ella déra filhos a David; outras éras em que elle se não afastara de junto do seu leito e lhe rendera homenagem pelo dom concedido á sua geração...

Com o nascimento da criança, mudaram porém as cousas. Passada a primeira exaltação reciproca, a dôr da pobreza que elles haviam decretado para si proprios, fez-se mais e mais sentir. As privações não lhes haviam custado, a elles, alentados como estavam pela excitação da sua paixão, mas para a criança... Victoria, ao demais, sentia-se cansada e fraca. De vez em quando, por sob a resignação de que ella se forrava ao desposar David e os seus ideaes, fazia-se patente uma certa irritação. Parecia-lhe quasi como se os ideaes de David fossem de maior relevancia que a criança. Esses ideaes significavam tanto, abraçavam tanto! Uma criança era muito, e era impossivel deixar de amal-a com um affecto apaixonado e perfumado. Amal-a por todas as razões, e sobretudo porque era de David e della. Mas os ideaes de David! Eram tão poucos os homens que os tinham, visionaria e praticamente, e vice-versa! Por elles, David soffrera tanto, a ponto mesmo de se sujeitar a sacrifical-os se ella em tal consentisse! Não consentira porém...

ra não deixaria tão pouco que, por ella, elle renunciasse a esses ideaes!

Através as idades pudéra ver, sentira no seu sangue, que era tambem o sangue de todas aquellas mulheres jungidas ao Homem e ao Casamento, como ellas tinham sabido guardar bem alta a sua fé, e como por entre lagrimas e sacrificios, ellas haviam vencido, haviam levantado triumphante a bandeira do Direito. Pois bem: tambem ella assim faria!

Depois, veiu outro filho, e mais aspero se fez para ambos o caminho. Muitas vezes, quando Victoria sahia a passear com os pequeninos, contemplava, com inconsciente tristeza, algum infante, filho da riqueza, transportado sobre almofadas de velludo, alimentado como devia, vestido como devia, senhor de todos os elementos para vencer...

Mas a Humanidade... a Humanidade que David amara... em massa... toda ella... os milhões de physionomias extenuadas, desesperadas... os milhões de mãos estendidas, a lutar... os milhões de passos... avançando a cambalear, mas avançando sempre... David pensara que ella não os conhecia, mas bem que ella os conhecia ha muito, e ainda mais agora, depois que déra reféns á humanidade na carne dos seus dois filhos!

De ha tempos, porém, Victoria apercebera-se de que só ella mantinha a fé antiga, de que David hesitava, acceitava conciliações. A principio, fizera-o envergonhado, apresentando pretextos: a criança precisava disto ou daquillo, Victoria precisava disto e mais isto. Depois, David fizera-se audacioso, e proclamara que os Philisteus tinham razão, tinham decerto razão. Elle não passara de um louco, de um sentimentalista doentio. Um homem não consente que sua familia se prive de tudo só para que elle possa alimentar uma visão, uma pallida ficção da sua fantasia. Tinha sido lindo, é certo, mas a vida não tem nada de lindo, e não havia um homem que a pudesse transformar sósinho! Assim, para que luctar contra a corrente?

Victoria insistiu que um homem só podia fazer muito, que elle, David, muito fizera, e que se havia conduzido esplendidamente. A pouco e pouco, deixara-se porém enfraquecer o esposo outr'ora sublime! A sua visão deteriorara-se primeiro na simples applicação pratica da Lei, que não da philantropia; passou depois a agir sem escrupulo, a fugir aqui e ali, ao evangelho que se compromettera a manter, immaculadamente. E cada vez que adiantava um novo passo na comprehensão da transformação por que passara o marido, Victoria sentia como se um punhal contaminado a rasgasse por dentro, mais doloroso do que jámais o tinham sido todas as angustias da pobreza! E' que ella percebia que o apoucamento da sua visão, apoucava David, apoucava o seu idolo! Menos bella, menos nobre, a visão antiga, menos bello e menos nobre, elle! Era a decomposição que principiava...

David começou a impacientar-se com as admoestações della, meigas como eram. Depois, entrou a impacientar-se com ella propria. Por fim, deu em ficar fóra de casa, talvez porque não pudesse supportar a expressão perturbada dos olhos da mulher. Talvez por outras razões.

Victoria veiu por fim a sentir que David concedera a outra o seu amor.

— Ah, não é amor! — disse-lhe ousadamente quando chegaram a discutir abertamente a situação. — Não é amor, porque o teu amor é meu!

David carregava a fronte:

— Dize lá o que quizeres! O certo é que é um sentimento que se apossou de mim, que me domina em absoluto! O certo é que, sem ella, não posso passar!

— Mas nas nossas vidas anteriores... — insistia Victoria, sentindo desfallecer a sua esperança ao lume da paixão obstinada que brilhava nos olhos delle — a fé, a fé trouxe-te de novo a mim, submissamente. A fé, e o meu amor por ti, e o matrimonio, o sacramento!

David escutara outr'ora tolerantemente a convicção proclamada por Victoria, de que elle e ella tinham vivido sempre juntos, através ás idades. Tinha-a escutado porque queria escutal-a, porque a amava, e porque toda a idéa de união lhe acariciava os ouvidos, nesse tempo. Agora, ria, porém, della:

— Eu não posso viver eternamente de contos de fadas!... — dizia-lhe.

— Mas o teu humanitarismo, onde anda elle? — interrogou Victoria. — Onde anda elle, a estas horas?

— Não existe, — respondia brutalmente David — não existe de ha muito, e tu bem o sabes! De resto, se existisse, elle encerraria essa outra mulher e o que ella para mim representa...

— E vem a ser?...

— A côr, a côr, a côr! Aquillo de que tenho andado faminto toda a vida! Quando eu a visito, ella não me acolhe com visões mumificadas, com ideaes que se envolvem em pannos esvoaçantes: acolhe-me com beijos, nada pedindo, e dando... pouco mais. (David fizera-se cynico) — Accende-me o cigarro e tenta-me com mil cousas da mais delicada feminilidade. Sinto-me então repousado, e todas as dôres que tenho soffrido... que temos soffrido... desapparecem... como si se tingissem de rosa... Ella dá-me o que tu não me pódes dar, Victoria: eis a triste e dura verdade.

— Comprehendo, David: creio que comprehendo perfeitamente desta vez.

— Espero bem, muito embora seja para nós ambos dolorosa a comprehensão!

— Ah, quanto a isso... já uma vez tu me disseste que a vida era dolorosa. De ha muito estava pois preparada. Por agora continuaremos como vamos. Sim, por agora, ao menos.

Mas esse prazo vago que ella marcara depressa se esgotou, quando numa festa-bacchanal, em que David fizera questão da sua presença, Victoria viu-o beijar publicamente outra mulher e por fórma a não poder pairar duvida sobre a natureza das suas relações com ella.

No dia seguinte, Victoria e as crianças partiram de casa.

Combinaram os dois não mais se tornarem a ver, e durante cinco annos divergiram de facto as trilhas de um e de outro, para afinal se encontrarem na Imprensa, quando Victoria e David foram annunciados candidatos ao Senado, em chapas separadas.

Talvez fosse o conhecimento das relações pluraes que tinha havido entre os dois, a causa do desfecho. Um reporter mais do que emprehendedor, teve noticia de que os candidatos á senatoria tinham outr'ora sido marido e esposa. Veiu-lhe uma noticia mais vaga da desintelligencia que os separara; concluiu que a causa dessa desintelligencia devia ter sido uma mulher, e nesse sentido alinhou considerações no seu jornal.

Não foi preciso mais: Victoria foi eleita para o Senado e David não só soffreu a derrota, como o accusaram de corruptor e o mandaram para a cadeia. Tudo se liquidou no espaço de nove dias. E só os intimos de Victoria sabiam porque motivo ella acceitava o seu triumpho com aquella expressão de soffrimento e de humilhação nos olhos.

Ella vencera, e o derrotado fôra elle. Como tudo sahira differente do que devia ter sido! Homem, Mulher, Casamento... esse fôra o seu sonho, um sonho de rectidão e de pureza. Agora, separa-os porém uma forte campanha politica, uma campanha pessoal, renhida como só elle sabia! E David, o David glorioso da sua visão, eil-o atirado á enxovia, alquebrado e desfeito! Tudo fôra obra de uma mulher, e Victoria o sentia bem. Essa mulher alvejara-o onde o sentira fraco; ferira-o no logar, no unico logar, onde a sua firme armadura o deixava exposto, e aguilhoara-o de ambições e de desejos, apunhalara-o com os espinhos das flores nascidas durante a noite, com a essencia dos capitosos perfumes, que perfidamente espalhava...

Por fim, quando ella se fizera, para elle, amarga como fel, era já tarde. Elle empurrara-a para longe de si, com uma repulsa de nojo que lhe despedaçava a alma, mas já os dedos della haviam deixado a marca em sua carne, já o halito venenoso lhe contaminara a alma!

Consciente de tudo isto, Victoria deu tempo ao tempo. Na solidão havia de se lhe attenuar o rancor, pensava ella. A solidão, a reflexão sempre tinham esse poder de restituir a David o que nelle havia de melhor. Na solidão, como que elle se resaneava. Fôra na solidão que elle concebera os seus ideaes, antes de conhecer Victoria, antes de virem as crianças. E essas visões tinham que lhe voltar de novo,

differentes embora, talvez; mas dolorosamente, tinham que voltar! E então seria o momento della tambem voltar a elle, com uma parcella integral dessas visões, esplendidas e sãs! Sim, iria a elle, como fôra através as idades, levando-lhe o calice intacto do seu amor, que elle não se animaria a repellir, que assim não o queria o Destino que Victoria tão bem sabia ler nas estrellas do Céo.

Depois, talvez voltassem a constituir o lar, com as crianças, como outr'ora. Talvez começassem novamente a edificar com mais firmeza agora, porque os valores com que haviam edificado antes, de areia, tinham-se tornado em granito. Isolados tinham soffrido, e isolados haviam realisado. Elle afastara-se, sim, mas Victoria conservara vivo o facho da fé do emprehendimento da virtude, e era de prever que agora elle lhe voltasse, quebrado, sim, mas forte ainda na sua ruina. Pois não era a esperança uma parte da fé?

Além disso, ella tinha a sua carreira. Descera á arena, pisava fóra da orbita dos confins marcados pela trindade "Homem, Mulher, Casamento". Mas isso, já antes o fizera, quando David era Constantino, o Imperador, e ella a sua escrava christã. Invadira então o mundo da religião e o archote por ella empunhado, bem alto, é que lhe alumiara os passos vacillantes, o coração em trevas... As Idades... Tinha-lhes arrancado as suas essencias mais puras, e eram essas essencias que lhe apontavam o ensinamento agora.

Ella bastaria, e não só vivificaria as visões delle, como as teria suas, e quando elle houvesse reconstruido tudo quanto tinha antes desapparecido, tel-a-ia então, a ella, para competir comsigo. E seria melhor assim, — melhor e mais são.

Ir a David, não era facil. Ir de que modo? Como a mulher que elle aggravara, mas altiva apezar de tudo? Como a triumphadora que se não deixara abater? Ou, casualmente, simplesmente, como de amigo para amigo?

E Victoria foi a elle como amiga.

Encontrou-o livido e mudo. Soffrera o infeliz, mas ainda bailavam sonhos nos seus olhos, sonhos por agora afastados della, o que era bom, — bem o sabia Victoria.

Falou-lhe então, praticamente, de pequenas cousas praticas. Contou-lhe como ella e as crianças tinham vivido depois da separação; o que ella resolvera com relação á escolha de collegio, de escolas dominicaes para a educação dos pequenos. Pediu a opinião delle a respeito do novo "status" da mulher, e conseguiu interessal-o, fazel-o falar. David era em favor das novas idéas.

Ella disse-lhe que essa opinião lhe ficava bem, e David concluiu que Victoria assim falava porque sabia que o derrotara uma mulher: ella propria!

Victoria respondeu que não havia como o tempo para dar a justa perspectiva aos acontecimentos e ás idéas, e David completou-lhe o pensamento lembrando que tantas, tantas vezes, o tempo nos revelava a nós mesmos e, ai de nós, onde nos viamos como rebrilhantes cavalleiros, nos fazia ver como palhaços, vestidos com uma roupa multicor.

Era só jogar fóra a roupa — respondeu a esposa — accommodar-se ás circumstancias.

Mas David retorquiu que era preciso, immensamente preciso, o auxilio extranho.

Victoria ponderou que não lhe parecia que assim fosse. No exame final cada qual tinha que apparecer sósinho, contando só comsigo e sujeitando-se ás provas decisivas. Quem, melhor do que ella, o podia saber!

David pareceu dobrar-se, dobrar-se para ella quasi imperceptivelmente. No pequeno compartimento nú, dentro da parcella de tempo que lhes concediam, foi um estremecimento da sensibilidade de ambos, como um vento a soprar de improviso sobre a delicada franja das arvores.

— Foi muita bondade tua vires aqui, — disse David.

— Aqui é o meu logar.

— Ah, não, não digas isso!

— Decerto. Não se póde passar além. Muito além, não se póde ir...

— Além de que?

— Do matrimonio. Além do Homem e da Mulher. Além do Homem, da Mulher, do Matrimonio. Lembra-te, David, que os tres são como um triumvirato. E sempre o hão de ser. Qualquer outra cousa, qualquer outra pessoa, é sempre uma intrusão, um elemento extranho...

— Bem sei... bem o sei agora! Mas fica a chaga, a chaga irreparavel!

— Não ha chaga irreparavel nas cousas fundamentaes. Não ha, não póde haver...

— Queres com isso dizer?

— Quer dizer que tu, eu e o casamento, tu, eu e o Amor, viemos juntos através das idades. Deus me fez dona daquellas visões de outras vidas para que ellas fossem as taças onde eu, nesta vida, pudesse beber a força de que viesse a precisar. Tu riste em tempos, mas has de vir a convencer-te. Causaste-me uma dôr, uma grande dôr, mas muitas outras dôres me causaste, David, e não obstante sempre alcei o meu facho cada vez mais alto, sem nunca se extinguir. Por que havia de extinguir-se agora?

— Posso então... voltar.

— Quando te sentires prompto, quando te sentires inclinado a acolher as visões que pisaste aos pés, quando te sentires bem resolvido a não mais me causares dôres...

— Referes-te decerto á outra mulher... Não queria falar nisso porque sei que te magôa, mas tenho que ser claro para explicar...

— Não, não me magôas: fala!

— Pois bem: tudo acabou. Completamente... Não agora; não depois que cheguei a isto, mas antes, por minha propria e livre vontade. Foi depois que tu partiste: tudo aquillo me acudiu ao espirito, como se me chicoteasse o rosto. Eu sabia que era tão só uma chamma, uma chamma temporaria apenas, que ardia fóra do seu logar, e sabia tambem que o combustivel que alimentava essa chamma eram as minhas visões, francas e nitidas, a visão de tudo quanto eu poderia ter feito, de tudo quanto, tu sobretudo, podias ter feito. Repelli para longe de mim essa mulher, lancei-lhe em rosto o que ella fizera, e fugi-lhe desvairado, como se sentisse mil outras de sua igualha, a perseguirem-me. Creio que então fiquei louco: louco pelo que fizera, louco por aquillo em que me tornara, pela lembrança do que podia ser feito de ti. Na minha febre, reflecti que o unico remedio era mergulhar mais fundo no opprobrio a que já descera, das mesquinhas conciliações com a honra. Tentei a politica que póde ser uma arma limpa e fina, mas a minha politica não o foi assim, como bem sabes. E agora eis-me aqui, pobre David, um David alquebrado e vencido!

— Não, vencido não. Tu principias agora... e eu comtigo de novo principiarei a lutar. Depois, esperaremos. Quando sahires daqui, has de ver, que a encosta é ingreme e dura de subir, mas os teus sentimentos tu os sentirás purificados. E tomarás então consciencia de ti mesmo, da força dos teus musculos, do teu cerebro... E eu estarei a teu lado!...

— Victoria... tu deves ter vindo, de facto, pelas idades em fóra, querida. Não ha alma, criada ao embate do mundo de hoje, que possa ser tão pura assim! Quando eu voltar, terá que ser de joelhos, humildemente, implorando a esmola que das tuas mãos me póde vir. Tu foste a Custodia da Visão, e eu supponho que tu não soubesses!...

Victoria fez ver um sorriso bizarramente triste.

— Os homens assim pensam desde tempos immemoriaes. Pensam que nós não sabemos, e vêm depois, no ultimo momento, como criancinhas, arrependidas, a supplicarem a geleia dos boiões de que fizeram pouco. Mas as mulheres sabem que os homens são assim, de maneira que não faz mal.

— Oh, santa mulher, sabia mais do que todas!

— E' que somos tão *velhas!* — Temos atravessado tantos Calvarios, temos affrontado tantos temporaes! Na juventude somos em extremo audaciosas. E mudamos tão pouco! Quando tu eras o Imperador Constantino, não me deixavas sentar no Conselho comtigo, meu Senhor, mas hoje, no XX seculo, tenho assento no Senado, e applico o meu espirito angustiado á creação das leis. Tudo isso é novo, mas por detraz de tudo isso, está o Homem, a Mulher, o Casamento, como ao principio do mundo...

Tres mezes depois, David voltou. Victoria preparara-lhe uma nova casa. Algumas das cousas antigas ali estavam de novo, para recordar-lhe o passado. Nesta encarnação, como nas outras, elle commetteria erros, e soffreria, e mereceria compaixão. E assim foi de facto. Os seus dedos atrapalhavam-se agora nos pequenos ritos de que estavam desacostumados. Parecia não comprehender, ter receio de se sentir feliz.

E quando á noite, ella despia as crianças, elle ficava ali ao pé, com uma expressão muito analoga á que mostrara no dia em que lhe nascera o primeiro filho, e elle se ajoelhara junto á mãe e á criancinha, tal o acolyto de um altar venerando e sublime.

— E' só o que importa, — disse lentamente. — E' a visão, é a côr. E não se lhe foge, como tu disseste. Mas ha uma razão...

— Qual é, querido ?

Victoria levantou os olhos de sua lide, ás voltas com as roupas, e os cuidados das crianças. E David respondeu:

— E' que, no mais intimo de nós mesmos, no mais sagrado e santo que ha em nós, não sentimos o desejo de fugir !

ESCRAVA DA VAIDADE

(*Fim*)

com o homem que vi aqui esta noite ! Por que fizeste isso, minha Iris ?...

— Lawrence, tu sabes que não podiamos continuar, era impossivel. De mais já começavam a falar a nosso respeito.

— A nosso respeito ? Escandalo, queres tu dizer. Que palavra covarde é essa ?

— Eu não queria augmentar a tua infelicidade, retrucou a mulher compungida. Apenas desejo que me comprehendas, Lawrence. Sinto-me absolutamente incapaz para a vida que me querias dar. Não posso ser a mulher de um lavrador, trabalhar com as minhas mãos.

De um salto elle poz-se junto della:

— Iris, Iris ! tu não farás semelhante cousa. Tu queres casar-te com elle, para te livrares de mim !

— Não, não ! soluçou Iris, atirando-se para uma cadeira, com a cabeça para traz sobre o encosto, deixando livre o collo e garganta que arfavam comprimidos por soluços tumultuosos. Lawrence inclinou-se sobre ella e, diante da alvura daquella epiderme que tremia toda, na commoção das lagrimas, não se poude conter e imprimiu os labios no pescoço de Iris. A mulher teve um "Ah !" como si sentisse um relaxamento geral dos nervos, e o rapaz pediu-lhe perdão.

— Perdão ! repetiu ella, num extase. Olha, vem ver.

Dirigindo-se á mesa, ella escreveu rapidamente numa folha de papel:

— Lê, disse ella passando o escripto.

Era o rompimento do compromisso com Maldonado.

—Que significa isso, inquiriu Lawrence, duvidando da felicidade que aquelle gesto exprimia para elle.

— Significa que tu não irás para o Canadá. Acompanha-me á Suissa, fica junto de mim.

E ambos partiram para a Suissa, onde Iris alugou uma villa e Lawrence foi para o hotel, passando, entretanto, todo o tempo juntos. A noticia espalhou-se, os amigos de Iris tiveram de acreditar na intimidade das suas relações com o joven advogado. Por fim a situação falsa em que viviam começou a annuviar o espirito de Lawrence. Um dia elle perguntou á amante:

— Dize-me querida, foste sempre extravagante ?

— Sempre, creio, desde creança. Por que perguntas ?

— Prodiga e sem juizo, murmurou elle pensativamente.

— Sem juizo, Lawrence ? Si eu não tivesse juizo, teria ido a um pastor e pedido que fizesse de uma mulher rica uma mulher sem vintem.

— Nós deveriamos ser esposo e esposa, Iris, e seriamos felizes.

— Mais do que somos ? indagou ella.

— Estou a pensar no futuro, minha adorada. Isso não póde continuar. Devo ir para o Canadá, antes que todo o meu dinheiro se acabe.

— Lawrence, eu não te quero ver preoccupado por dinheiro. Sabes que tenho bastante desse artigo para dois...

— Iris ! atalhou severamente o rapaz. Espero que não me estejas suggerindo acceitar dinheiro de uma mulher.

— E que tem isso ? Nós nos amamos demasiadamente para que eu te deixe partir.

— Então, casa-te commigo e partamos juntos.

— Não posso, Lawrence, não posso, supplicou ella. Não possuo o dom de renuncia que isso exigiria de mim. O conforto, o luxo, são-me necessarios como o ar que respiro. Fui feita assim e é inutil pretender transformar-me.

Lawrence, no emtanto, resistiu, lastimando ter-se deixado arrastar pelo seu immenso amor. Estavam elles nessa situação quando um acontecimento veiu apressar o desfecho. Noticias de Londres annunciavam que Arthur Kane havia desapparecido, deixando seus clientes depennados. Da fortuna de Iris, apenas restavam 150 libras de rendimento annuaes. Lawrence propoz-lhe, então, casamento, e ella retrucou:

— Que, depois de te haver recusado quando era rica, acceitar-te agora que sou uma carga ?

Mas, afinal, ella acabou acceitando um compromisso de casamento, e applicou-se a viver com os parcos recursos que lhe restavam, preparando-se para a nova existencia em companhia de Lawrence, quando este estivesse em condições de mandar buscal-a.

Iris desfez-se de sua villa e foi morar em uma modesta pensão. Ali, certo dia, procurou-a Maldonado, offerecendo-lhe seus prestimos, que ella recusou cheia de gratidão. Maldonado depoz um caderninho sobre a mesa:

— Aqui está um livro de cheques, disse elle. Depositei uma pequena somma em seu nome em um dos meus bancos. Faça della o que quizer.

— Por favor, leve isso, Maldo. Não quero que me tome por orgulhosa, mas estou disposta a mudar inteiramente de idéas. Preciso aprender o valor do dinheiro, e com algum trabalho o conseguirei.

— Si não quer acceital-o, faça-me a honra de atiral-o ao fogo da lareira, respondeu o homem com certa impaciencia.

Pouco depois, Iris soube que sua antiga camarada, Miss Pinsent, tambem espoliada por Kane, desejava abrir um pequeno armarinho para viver, porém não dispunha de capital. Iris pensou então que a dadiva de Maldonado podia ter uma nobre utilidade. Foi á sua secretária, apanhou o livrinho de cheques, mirou-o, ponderou as consequencias do seu acto e murmurou:

— Vá lá por esta vez.

O dinheiro foi remettido a Miss Pinsent, e assim começou para Iris de novo a vida de dispendios. Os seus esforços de economia haviam resultado desastrosos para sua saude e para o seu amor-proprio. O luxo era-lhe necessario ao seu orgulho de mulher, e a viver enterrada na pobreza ella preferiria a morte de verdade. Iris voltou a Londres, mas naquella sociedade, que outr'ora a festejára com calor, ella só encontrou indifferença e frieza. Um dia o banco lhe communicou que sua conta fôra excedida e ella se achou novamente na contingencia de limitar-se ao estrictamente necessario. Vieram as dividas, vieram as privações em seguida, e certo dia Maldonado surprehendeu-a diante das *vitrines* de uma confeitaria, pobremente vestida, a devorar com os olhos as gulodices, cuja vista lhe augmentavam as tonturas do estomago vasio. Maldonado que nunca a perdera de vista, que contava os *shillings* que lhe restavam, a espera do momento em que ella o procurasse como um velho amigo e um refugio, levou-a dali para um apartamento que nessa previsão elle havia installado. E mais uma vez Iris teve sedas e joias, mas não teve felicidade. Maldonado era um amo exigente e com os seus ciumes transformava a existencia della num purgatorio.

Dois annos haviam passado desde que Lawrence partira para o Canadá. Os negocios lhe haviam corrido bem e elle voltava a Londres em busca de Iris. Um velho conhecido de ambos deu-lhe o endereço da noiva, despedindo-se com um sorriso malicioso, de Lawrence, que tomava o *taxi* para a direcção indicada.

— Iris ! exclamou elle, ao vel-a bella e encantadora como nunca lhe parecera. Iris ! minha adorada !... E tomou-a nos braços beijando-a com sofreguidão e amor.

E depois continuou, sem lhe dar tempo a que falasse:

— Iris, tu estás mudada. Já não me amas mais ? Por que não me escreveste ? perguntava o rapaz anciosamente, devorando-a com os olhos.

— Lawrence, tive sempre tanta cousa para te dizer. Senta-te e ouve-me. Custa-me muito, Lawrence... eu te amo muito, meu Lawrence ! Acredita-me. E esses protestos ella os confirmava enlaçando-o pelo pescoço e procurando-lhe os labios. Agora, ouve-me.

Lawrence ouviu toda a sordida historia, pallido e cheio de espanto. Iris acabou a narrativa soluçando, fortemente agarrada a elle. Lawrence retirou delicadamente os dedos della que se lhe crispavam no braço, dizendo:

— Tenho muita pena de ti, Iris. Apanhou o chapéo e repetiu: — Muita pena, Iris... E fechou a porta atraz de si.

— Lawrence ! gritou Iris com a voz estrangulada.

Mas nesse momento a porta do lado opposto da sala escancarou-se e Maldonado, furioso, com a barba e os cabellos em desalinho, entrou como um furacão:

— Perdeste, então, o teu segundo apaixonado ? atirou elle sarcastico.

— E tu estavas á escuta ? interrogou a mulher.

— Sim, estava. E elle decidiu o negocio rapidamente, não é exacto ?

— E' verdade, retrucou ella meio aparvalhada, é verdade e me deixou para sempre.

Maldonado teve um sorriso mao:

— Tem mais juizo do que eu, disse elle.

— Maldo !

— Ha varios annos tenho me deixado arrastar pela minha paixão por ti. Chegou, porém, a hora do ponto final Estamos terminados, minha rica !

As palavras de Lawrence "Tenho muita pena, Iris, sinto muito", pronunciadas com frieza e serenidade, escaldavam-lhe no cerebro, desfazendo suas esperanças em amargas desillusões; e mais para traz, como panno de fundo do palco, ella viu a pequena villazinha suissa, á margem do lago, onde elles haviam sido tão felizes... E Maldonado berrava:

— Está tudo acabado hoje mesmo. A casa é minha. Arrume sua trouxa e ponha-se ao fresco !

Iris encolheu-se diante dos gestos de ameaça. Sua cabeça rodava.

— Sahir ? ! Que ! Maldo, tu me atiras á rua ? !

— Não quero saber para onde vaes. E' a vingança pela maneira por que me trataste, estou satisfeito. Rua !

Iris sentia como se lhe martelassem a cabeça. "Enlouqueço, meu Deus !" murmurou ella, levando a mão aos olhos, para evitar a visão daquelle bruto, cujo braço estendido, lhe apontava a porta. "Eu enlouqueço, meu Deus !" repetia ella sentindo as temporas lhe latejarem com mais violencia. Então pareceu-lhe que lhe estalara qualquer cousa no cerebro. Um suspiro dolorido sahiu-lhe dos labios e Iris arregalou os olhos, passeando-os em torno, espantada. Estava positivamente douda — pois não era aquella a sua antiga sala ? Sentiu que estava deitada no sofá. E subito desfez-se o nevoeiro do seu espirito.. Ella adormecera e tudo aquillo não passára de um sonho, um pesadello horrivel. Lawrence não havia voltado depois da *soirée;* elles não haviam ido para a Suissa; Maldonado não a perseguira nem se vingára della. Iris sentou-se no canapé, sentindo uma grande alegria de que tudo aquillo não fosse senão poeira de imaginação.

Tá, tá, tá. Tá, tá, tá. Que ! outra vez ? Era na janella. Ah ! sim era Lawrence. E ella correu a abrir a porta.

— Iris ! minha adorada ! exclamou o rapaz, apertando-a contra o peito. Como terei forças para deixar-te ?

— Tu não me deixarás, meu amor, sussurrou ella. Não me importa a fortuna. Vou comtigo.

— Ah ! anjo adorado !

E nesse grito o mundo de vaidade recuou, desfez-se como os vapores da noite, ao calor do sol que surgia illuminando a vida de amor que lhe regenerava o espirito.

MARTYRIO DE UM MERGULHADOR

(*Fim*)

ra a casa do capitão Joe Bell e Caleb para a sua propria.

No dia seguinte Caleb já se sentia quasi restabelecido, mas Lacey continuava enfermo, tendo á sua cabeceira como enfermeira solicita, a mulher do amigo. A sua dedicação ao ferido mereceu elogios de Madame Leroy, que, tendo se zangado com o marido, viera reunir-se a Sanford, o homem que conquistára sua admiração. Mais um dia se passou e Caleb voltou ao trabalho, sendo obrigado a tomar um outro homem para a bomba, pois Bill pretendia-se ainda impossibilitado para qualquer movimento; mas o motivo, como se adivinha não era a molestia e sim a enfermeira. Caracter leal e honesto, Caleb nada poderia suspeitar contra a esposa que elle idolatrava. Uma noite porém ao voltar á casa não encontrou Betty. Num bilhete ella lhe annunciava a resolução de abandonar um homem velho que não comprehendia a idade della e que lhe dava uma vida humilde de mais. Seguia para Portland. Perdoasse-a e a esquecesse.

O golpe foi cruel para aquella alma simples e grande. Caleb não tardou a saber que Betty partira com Lacey e jurou matar o antigo camarada da primeira vez que o avistasse. Betty, entretanto, não levou muito tempo a considerar a sua loucura e voltou cheia de arrependimento, indo acolher-se á amizade paternal do capitão Joe Bell. Ella queria o perdão de Caleb; que Bell intercedesse em seu favor, se Caleb a repellisse ella soffreria resignada. O velho capitão prometteu; que sim, que interviria e estava certo de obter o perdão do marido. Effectivamente, na manhã seguinte elle levou Betty comsigo á choupana do mergulhador, porém este, posto declarasse que o seu amor pela esposa era mais forte do que nunca, não podia mais ter confiança nella. A rapariga voltou para casa do seu velho amigo e nos dias que se seguiram póde conhecer uma cousa que ella ignorava: seu grande amor pelo marido.

E a sua desolação mais augmentava quado ella via passar Sanford de braço com Kate Leroy. De uma feita, mesmo, o par elegante parou proximo da sua janella, e ella ouviu a mulher dizer:

— Meu marido é de um ciume tolo, Henry. Elle estava firmemente convencido de que você pretendia roubar-me ao seu amor. Não quero voltar para casa emquanto elle não varrer essa asneira da idéa.

— Já lhe escrevi, disse por sua vez Sanford, fazendo-lhe ver o infundado das suas suspeitas, e pedi-lhe que viesse até aqui para se reconciliar com você.

Betty teve um suspiro de allivio ao ouvir taes palavras, que lhe tiraram do espirito a desconfiança sobre a natureza das relações daquellas duas creaturas que elle via sempre juntas.

Um dia, quando a obra de Caleb estava quasi terminada, desencadeou-se tremenda tempestade nas aguas de Shark Ledge e um navio que por ali passava foi atirado sobre os arrecifes.

Entre os homens da infeliz tripulação que se afundava, Caleb reconheceu as feições de Lacey. O mergulhador esqueceu todos os seus resentimentos, para só se lembrar de que havia vidas humanas a salvar. Mas Lacey se afogára.

— Darei tudo para apanhar os corpos, exclamou Caleb. E dizendo isso metteu-se apressadamente nos seus apetrechos de mergulhador, ao mesmo tempo que um vulto franzino corria para a bomba. Caleb teve de lutar com o mar mais bravo que jámais conhecera a sua longa experiencia do officio. Mas não era elle homem de recuar e a bomba funccionava admiravelmente. Quando elle voltou com o corpo de Lacey e despiu-se da sua roupa de borracha, declarou:

— Eu nada teria conseguido ou teria morrido, si a bomba não fosse manejada com tanta pericia. Quem foi que a guarneceu?

O capitão Joe levantou a lanterna, e a luz foi bater no rosto pallido da pessoa que estava na bomba.

— Betty! exclamou com assombro o mergulhador. E sem esperar qualquer explicação elle colheu a mulher nos braços pedindo-lhe perdão de quasi haver causado a ruina moral da sua querida mulher, pelo pouco que comprehendia as exigencias do espirito de uma esposa joven e sensivel.

Ali ao lado estavam Leroy e sua esposa a contemplar a scena commovente, e Sanford voltando-se para os dois, perguntou com um sorriso:

— E vocês não seguem esse bom exemplo ?

— Já "seguimos" ha mais de uma hora, respondeu Katty, rindo tambem.

— Eu é que era um estupido, confessou Leroy, estendendo as mãos a Sanford. Mas tu já me desculpaste, penso eu.

ALEXANDER'S BAND IS BARK IN DIXIELAND

FOX-TROT

por ALBERT GUMBLE

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

CHORUS

p.f fz

-land

D.S.